

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Bacharelado em Educação Física

Douglas Bertoldi

Análise dos gols das equipes finalistas da Liga dos Campeões 2019/2020

Porto Alegre

2020

Douglas Bertoldi

Análise dos gols das equipes finalistas da Liga dos Campeões 2019/2020

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Educação
Física da Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Cícero Moraes

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Bertoldi, Douglas
Análise dos gols das equipes finalistas da Liga dos
Campeões 2019/2020 / Douglas Bertoldi. -- 2020.
53 f.
Orientador: José Cícero Moraes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Bacharelado em Educação Física, Porto
Alegre, BR-RS, 2020.

1. Futebol. 2. Gol. 3. Análise de desempenho. 4.
Métodos de ataque. I. Moraes, José Cícero, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Douglas Bertoldi

Análise dos gols das equipes finalistas da Liga dos Campeões 2019/2020

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Educação
Física da Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Cícero Moraes

Conceito Final:

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. José Cícero Moraes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família. Ao meu pai Waldemar e a minha mãe Janete por tudo que fizeram e fazem por mim. Aos meus irmãos Rodrigo e Séfora por todos os momentos e conversas que tivemos e ajuda disponibilizada. Vocês são a base de tudo.

Agradeço à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, através de todos Professores, pela contribuição de excelência em minha formação pessoal e profissional. Da mesma forma, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradeço ao Professor Rogério da Cunha Voser pelo tempo dedicado a mim e a oportunidade de aprendizado. Da mesma forma, ao amigo e Professor José Cícero Moraes, pela disponibilidade e orientação de excelência deste trabalho. Referência na análise de desempenho. Muito obrigado mais uma vez.

Tendo a pretensão de não deixar ninguém de fora, agradeço a todos os amigos, colegas e profissionais que desenvolvem com excelência a análise de desempenho no Futebol. Antônio Cruz, João “Bebeto” Sauthier, Júnior Alves, Lucas Oliveira, Michele Kanitz, Tiago Paloski, Guilherme Redecker e Willian Nascimento, meu muito obrigado pela amizade e profissionalismo de vocês. Todos referência na área. Agradecimento especial ao amigo Antônio Cruz que gentilmente disponibilizou jogos observados em nosso estudo.

Aos velhos amigos de infância, pela amizade de longa data. Contem sempre comigo. De modo igual, minha admiração aos amigos do Futebol da UFRGS Eduardo e Giovani; Hique, Rafa, Chris, Guga e Alex; Xandi, Rona, Gibran e Josué; Jorginho, Pedro e Fabigol. Todos são parte da minha vida.

Agradeço ao C. E. Lajeadense, nosso atual clube e aos amigos Sebben, Serginho, Tiago, Mano, Samuel, Valdir, André, Aline, Jacaré, Adilson, Everton, Cris, Jani, Leandra e Dr. Tamir. Cada dia mais, nos fortalecemos juntos.

Todo respeito e admiração aos atletas, demais clubes que trabalhamos (Pedra Branca F. C. e E. C. São José) e colegas de profissão que, de alguma forma ou outra, contribuíram e contribuem para minha formação. Ao Futebol. Meu muito obrigado a todos.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de construção e finalização dos gols das equipes BAYERN e PSG nas Fases Eliminatórias da Liga dos Campeões da UEFA 2019/2020, visando identificar a maior frequência de acontecimentos, bem como, similaridades e diferenças entre as variáveis analisadas que repercutiram nos gols das equipes estudadas. Para integrar a amostra deste estudo, optamos por analisar os 23 gols (exceto os de bola parada) marcados nos 9 jogos oficiais (oitavas de final, quartas de final, semifinal e o confronto direto na final) dos quais os clubes francês e alemão atuaram, levando-se em conta as variáveis: *ação de origem*, *zona de origem*, *zona do último passe*, *zona de finalização* e *métodos de ataque*. Para a coleta de dados, foi utilizado uma planilha adaptada de Moraes *et al.* (2012), para registrar a análise dos gols. A análise descritiva unidimensional das variáveis do estudo foi aplicada pela obtenção de frequências e percentagens para cada variável. Dentre os resultados, concluímos que: as *ações de origem* da fase ofensiva geraram mais gols através de *desarmes* (57%); a Zona 7 (35%) foi a *zona de origem* utilizada com maior frequência para iniciar o processo ofensivo eficaz; a *zona do último passe* que antecedeu a marcação do gol com maior prevalência foi a Zona 10 (39%); a *zona de finalização* mais utilizada para a marcação do gol foi a Zona 11 (91%); o *método de ataque* que prevaleceu nas ações ofensivas que resultou em gol foi o *Ataque Posicional* (57%); o *método de ataque* que prevaleceu nas ações ofensivas que resultou em gol(s) do PSG foi o *Ataque Rápido* (67%) e as ações ofensivas que predominaram na equipe do Bayern foi o *Ataque Posicional* (65%). Embora não se tenha analisado as bolas paradas, a equipe de melhor desempenho na competição apresentou melhor eficácia através do ataque posicional, com uma fase de construção ofensiva mais longa e elaborada até sua finalização.

Palavras-chave: Futebol. Gol. Análise de Jogo. Métodos de Ataque.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the teams BAYERN and PSG process of goals building and finalizing in the knockout stage of the UEFA Champions League 2019/2020, in order to identify the highest frequency of events, as well as similarities and differences among the variables analyzed that reflected in the goals of the studied teams. To integrate the sample of this study, we chose to analyze the 23 goals (except the free kick goals) scored in the 9 official matches (round of 16, quarter-finals, semi-finals and final match) that French and German teams played, considering the variables: origin action, origin zone, assist zone, finishing zone and attack methods. For data collection we used a spreadsheet adapted from Moraes et al. (2012) to record goals analysis. The one-dimensional descriptive analysis of the study variables was applied by obtaining frequencies and percentages for each variable. Among the results, we concluded the offensive phase actions generated more goals through tackles (57%); Zone 7 was the one most frequently used to initiate the effective offensive process (35%); the assist zone (Zone 10) preceded the goal scoring with the highest prevalence (39%); Zone 11 was the finishing zone most used for scoring a goal (91%); the attack method that prevailed in the offensive actions that resulted in a goal was the Positional Attack (57%); the quick attack was the attack method that prevailed in the offensive actions that resulted in a PSG goal (67%); and the offensive actions that predominated in the Bayern's team was the positional attack (65%). Although the free kicks were not analyzed, the team with the best performance in the competition showed better efficiency through the positional attack with a longer and elaborate offensive construction phase until its completion.

Keywords: Football. Goal. Game Analysis. Attack Methods.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA E PERTINÊNCIA DO ESTUDO	11
1.2 OBJETIVO GERAL	12
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL	14
2.2 AÇÕES DE ORIGEM E ZONAS DO CAMPO	17
2.2.1 Ações de origem	17
2.2.2 Zonas de origem	18
2.2.3 Zonas do último passe	19
2.2.4 Zonas de finalização	21
2.3 MÉTODOS DE JOGO	23
2.3.1 Contra-ataque	26
2.3.2 Ataque rápido	27
2.3.3 Ataque posicional	28
3 METODOLOGIA	30
3.1 AMOSTRA	30
3.2 CONCEITUAÇÃO DAS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO ESTUDO	30
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	32
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS	32
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	33
3.6 TIPO OU CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5 CONCLUSÕES	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

No âmbito do Futebol, podemos verificar um crescimento destacado de estudos sobre a análise do jogo ou do desempenho, visando investigar os diferentes fatores que influenciam o rendimento nesta modalidade esportiva, fornecendo informações valiosas para que os técnicos possam empregá-las para conceber suas estratégias no processo de treino e competição (MORAES *et al.*, 2012).

Por muitos anos os estudos sobre o Futebol foram orientados para descrever e explicar os aspectos físicos ou fisiológicos com o objetivo de quantificar as ações dos jogadores nos jogos (SARMENTO, 2012). Mesmo tendo o Futebol como foco principal, tais estudos não fazem referência à natureza do mesmo, pois, ficam limitados a investigar as ações que não envolvem a lógica do jogo. Estas investigações fornecem informações importantes sobre o treino da modalidade, no entanto, não descrevem onde, como, quando e porque os atletas deverão executar certas ações em função dos contextos situacionais (CASTELLANO-PAULIS, 2000 citado por SARMENTO, 2012).

Segundo Garganta (1997) encontra-se em fase de desenvolvimento as investigações no futebol através da análise do jogo, muito em função desta necessidade de entender os processos ofensivos e defensivos relacionando-os com a eficácia e eficiência das ações executadas no decorrer das partidas e, diante disso, ter um bom rendimento individual e coletivo para atingir os objetivos do jogo, ou seja, marcar gol(s).

Ocorrendo o Futebol num ambiente de elevada variabilidade, aleatoriedade e imprevisibilidade, as equipes que se confrontam e disputam objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o espaço e o tempo, realizando em cada momento ações reversíveis de ataque e defesa apoiadas em relações de oposição e cooperação (GARGANTA, 1997). As situações de oposição são tão evidentes que o jogo de futebol pode ser perspectivado como uma série de sequências imprevistas de fases e transições, ofensivas e defensivas (GARGANTA *et al.*, 2013).

No entender de Oliveira (2019) a descrição e compreensão das ações coletivas da equipe e individuais dos atletas através de ações de ataque e defesa, apresenta-se como um modo interessante de relacionar o desempenho dos

processos ofensivos ou defensivos, eficazes ou não, e partindo disso, relatar os fatores que levam ou não a determinados resultados durante uma partida de futebol.

A literatura mostra que no jogo de Futebol existem as fases do jogo - ofensiva e defensiva - e os momentos do jogo - organização ofensiva e defensiva, transição defesa-ataque/ataque-defesa e bolas paradas (OLIVEIRA, 2004; THIENGO, 2020). Partindo desse contexto, a fase ofensiva existente em um jogo de futebol é constituída pelos momentos de organização ofensiva e transição defesa-ataque, e estas criam possibilidades de marcar gols em situações de bola rolando (OLIVEIRA, 2004).

Nesse cenário, a capacidade e os comportamentos dos jogadores são condicionados e vão surgindo à medida que o jogo acontece e o modo como interagem companheiros de equipe e adversários, em função do momento, da posição da bola e da zona do campo de jogo em que às ações ocorrem. Essa variabilidade espacial e temporal, associada às habilidades que os jogadores utilizam para resolver as tarefas do jogo, faz com que a tarefa dos observadores se torne complexa e delicada (TEOLDO *et al.*, 2015).

Moraes *et al.* (2012, p. 141) entendem que “a elevada performance de uma equipe de futebol manifesta-se pelo equilíbrio de sua organização coletiva (ofensiva/defensiva) e consequente eficácia demonstrada nas suas finalizações, isto é, sua capacidade em marcar mais gols que o adversário”. Em vista disso, o mesmo autor reforça que marcar gol pode ser considerado como um indicador decisivo e diferencial para caracterizar uma equipe exitosa. Portanto, o gol é o elemento que identifica o desempenho nos jogos e uma análise sucinta pode sugerir estratégias ofensivas mais adequadas para buscar as vitórias.

A obtenção de parâmetros ou indicadores sobre características de uma equipe de Futebol, que pode ser bastante relevante na construção de situações de equilíbrio e desequilíbrio em busca do êxito, ou seja, na obtenção do gol, é a observação, a análise e a interpretação da relação entre os métodos de ataque tendo como referência espaços (zonas) específicos do campo de jogo.

Nesse contexto que nos propusemos realizar este trabalho. A ideia deste estudo foi analisar os 27 gols (exceto os 4 gols de bola parada) das equipes finalistas (PSG x BAYERN) da Champions League (2019/2020), principalmente, os

gols marcados por ambas as equipes nas fases eliminatórias da competição, até o confronto direto na final (totalizando 23 gols de bola rolando) com a pretensão de compreender como as ações de origem, as zonas do campo e os métodos de ataque puderam ser decisivos e contribuir na obtenção dos gols.

1.1 JUSTIFICATIVA E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O Futebol é um jogo cuja principal finalidade é marcar gol. Por esse motivo, é relevante que se explore critérios que possam ser determinantes na construção, preparação e finalização da ação ofensiva resultante em gol e, por consequência, influenciar no resultado final das partidas e da própria competição.

Acompanhando o avanço da tecnologia, nos últimos anos o Futebol evoluiu como um todo, principalmente nas equipes de *status* superior, elevando o nível dos confrontos e das competições, dificultando cada vez mais a marcação de gols. Por si só, o Futebol já é um esporte de baixa frequência de gols, ademais, duas equipes em confronto emergem uma complexa relação de oposição. Logo, identificar espaços favoráveis para finalizar, possuir comportamentos que auxiliem nas ações ofensivas e ter métodos de ataque eficazes, entre outros, são essenciais para atingir o principal objetivo do futebol: o gol.

Por se tratar de um estudo sobre a análise de desempenho, especificamente sobre os episódios relacionados ao gol, o momento mais importante e decisivo de um jogo de futebol, em uma competição de nível elevadíssimo, o tema precisa receber atenção e ser devidamente explorado.

O principal objetivo do uso da análise de jogo no futebol é elevar o conhecimento que se tem sobre o jogo e isto possa acrescentar maiores subsídios de avaliação do comportamento dos jogadores (GARGANTA, 2001).

Portanto, a análise dos gols também poderá mostrar como o estudo do tema pode ser aplicado, afim de que os conteúdos observados na análise venham a servir de parâmetro para o planejamento de treinamentos e, conseqüentemente, na melhora do desempenho de jogadores e de equipes em competição. Reforçando

que tais parâmetros, servem de suporte para todas as equipes, profissionais ou categorias de base, independentemente, do nível da competição que disputa.

A presente análise dos gols poderá auxiliar todos os profissionais que atuam no Futebol, seja o treinador, o auxiliar técnico, o analista de desempenho, entre outros. Para além desses, servirá de suporte aqueles com interesse em ingressar no Futebol ou simplesmente goste de acompanhar a evolução do esporte.

1.2 OBJETIVO GERAL

Como objetivo geral, o presente estudo busca analisar o processo de construção e finalização dos gols das equipes BAYERN e PSG nas Fases Eliminatórias da Liga dos Campeões da UEFA 2019/2020.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar qual a ação de origem que apresentou maior frequência de acontecimento para o início da fase ofensiva que resultou em gol.

Identificar quais as principais zonas de origem, do último passe e de finalização que prevaleceram nas ações ofensivas resultante em gol.

Identificar os métodos de ataque utilizados presentes nas ações ofensivas que resultaram em gols.

Identificar similaridades e diferenças entre as variáveis analisadas que repercutiram nos gols das equipes finalistas da Liga dos Campeões da UEFA 2019/2020.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Nosso estudo estará organizado e estruturado da seguinte forma:

Na *Introdução* será apresentado nossas ideias sobre o tema em questão, bem como, a justificativa, a pertinência, os objetivos da pesquisa, do mesmo modo que, a *Estrutura do Trabalho*.

Logo após, na *Revisão de Literatura*, buscamos, especialmente, expor os principais conceitos sobre as variáveis que fazem parte da nossa investigação, e que no nosso entendimento colaboraram com nossa reflexão.

Na terceira parte deste trabalho, a *Metodologia* foi descrita abordando a amostra, as definições dos conceitos das variáveis analisadas, caracterização do estudo, além dos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta e análise dos dados.

A seguir, serão expostos os *Resultados e Discussão* daquilo que encontramos na pesquisa buscando dialogar com os conceitos produzidos em relação ao tema central da investigação.

Na sequência, realizamos nossas *Considerações Finais* levando em conta os achados da nossa investigação e, por fim, apresentamos as *Referências Bibliográficas* utilizadas no estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ANÁLISE DE DESEMPENHO NO FUTEBOL

Desde que o inglês Charles Reep, em 1933, considerado o primeiro analista de futebol da história, teve a ideia de quantificar todas as ações de uma partida, a análise vem despertando todo seu potencial, abrindo-se para dados e informações de todo tipo a fim de encontrar verdades, padrões e correspondências entre eles. A análise, aliada a tecnologia de ponta, cresce exponencialmente no futebol. Os números estão no centro da mudança, portanto, não é apenas uma questão de coletar dados, é preciso saber o que fazer com eles. Para dar sentido e aprender com os números, se faz necessário analisá-los, a ponto de ver o jogo como o nunca vimos antes. (ANDERSON; SALLY, 2013).

Nesse contexto, os mesmos autores salientam que:

Seria injusto definir como uma revolução a relação atual do futebol com a análise, mas tão pouco se trata de uma mera evolução. Talvez a melhor palavra seja reforma: o esporte é o mesmo, mas a forma de jogá-lo está mudando. E estamos vivendo a etapa mais empolgante desse processo, em que a cada dia, a cada semana, a cada ano, surge um aspecto diferente; o progresso se acelera, e cada avanço nos deixa mais distante do trabalho de Charles Reep (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 35).

Segundo Aquino (2019), a produção científica sobre Futebol vem crescendo rapidamente quanto ao número de publicações nos últimos anos. Dentre as principais temáticas, a observação, a análise e a interpretação do desempenho de jogo, ou seja, a denominada análise de jogo recebe notório destaque (~52%).

Nessa linha de pensamento, para Cotta (2018) o Futebol vem evoluindo relativamente à tecnologia e dificilmente encontraremos profissionais da área que não dependam dela. Führer (2014) reforça tal ideia dizendo que o Futebol se encontra num processo de permanente transformação e, em razão desse contexto, a análise de jogo surge como uma ferramenta auxiliar às comissões técnicas nos mais diversos escalões. Nesse cenário, o analista de desempenho surge como um profissional importante no processo de renovação do Futebol. Este profissional é responsável por fornecer ao treinador e sua comissão técnica informações oriundas das ações do jogo de futebol (CABRAL, 2015).

Analisar o adversário e preparar melhor a própria equipe para as competições está relacionado ao auxílio de profissionais ligados à análise de desempenho, para que treinador, comissão técnica e jogadores recebam informações pontuais sobre si e o adversário (COTTA, 2018). Como também, estudar continuamente as peculiaridades e os detalhes de cada jogo com o propósito de coletar dados mais fidedignos e pertinentes no momento de preparar o plantel (FÜHRER, 2014). Assim sendo, investigar as dimensões tático-técnicas relacionadas ao rendimento individual e coletivo, da equipe e do adversário, são atribuições que fazem parte das tarefas desta função (CABRAL, 2015).

A esse respeito Carling, Williams e Reylli (2005) salientam que a análise de jogo estuda tanto o treino como a competição, de tal maneira a quantificar e qualificar a efetividade de suas ações nos aspectos tático, técnico e físico; salientando os comportamentos e os fatos relevantes que contribuem para desenvolver o desempenho esportivo, caracterizando e identificando as tendências evolutivas e servindo como um processo de avaliação e de controle dos jogadores e das equipes. Portanto, é utilizada para investigar o comportamento multidimensional das diferentes escalas, partindo do nível individual para o coletivo.

Segundo Garganta (2001), a investigação das variáveis que compõem o futebol, através do processo de análise de jogo, tem como objetivo prover informações essenciais do desempenho dos jogadores nas partidas, através de registro das ocorrências físicas, técnicas e táticas que acontecem no decorrer dos confrontos.

Tais elementos podem ser analisados por meio de *scouts* tradicionais, edição de vídeos, *softwares* modernos (coleta de dados em tempo real), contribuindo e proporcionando uma maior fiabilidade, praticidade e agilidade na elaboração de relatórios (CABRAL, 2015). “Nesse contexto, a análise e os analistas devem criar um ambiente condutivo de informação, propiciando uma aprendizagem através do aumento da qualidade de *feedback* que os atletas e a equipe recebem” (FONSECA, 2012). A informação advinda da observação e da análise do jogo, através de *feedback*, influencia na aprendizagem e na eficácia da ação esportiva (CARLING *et al.*, 2005; HUGUES; FRANKS, 1997 citado por BARREIRA *et al.*, 2013).

Tendo à disposição uma variedade de meios e métodos, aperfeiçoados ao longo dos anos, treinadores e investigadores procuram aceder à informação veiculada por meio da análise da performance e nela procuram benefícios para aumentar os conhecimentos acerca do jogo e do treino, e assim melhorarem a qualidade da prestação desportiva dos jogadores e das equipas, no âmbito individual, grupal e coletivo, permitindo descrever o rendimento evidenciado em jogo e proporcionar o acesso à informação pertinente acerca do enfrentamento desportivo. (GARGANTA, 1997, 2008). De fato, a análise de jogo contribui para que os processos de tomada de decisão sobre o desempenho de jogadores e equipas sejam mais assertivos e permita fornecer feedbacks, como parte do processo de treinamento (AQUINO, 2019).

Carling, Williams e Reylli (2005) destacam que nos últimos anos o desenvolvimento de equipamentos portáteis e sistemas de análise de vídeo baseados em visão computacional e processamento de imagens, tornou melhor a acessibilidade aos recursos para análise mais objetiva de eventos esportivos em situação real de disputa.

Führer (2014, p. 20) a esse respeito salienta que “independentemente da forma utilizada, cada comissão técnica necessita de profissionais capacitados a desempenhar tal função, pois este processo pode colaborar com a evolução da equipe dentro de uma partida ou campeonato”.

Em síntese, podemos afirmar que a análise do desempenho no Futebol tem permitido: 1) configurar modelos da atividade dos jogadores e das equipas; 2) identificar os traços da atividade cuja presença ou ausência se correlaciona com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos; 3) promover o desenvolvimento de métodos de treino que garantam uma maior especificidade e, portanto, superior transferibilidade; e 4) indicar tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas (GARGANTA, 2001).

Pode-se dizer que existe diferença entre assistir e analisar um jogo de futebol. Na análise, as perguntas são voltadas para o jogo, e com muita atenção, concentração, estudo e busca por informações, as respostas são encontradas dentro do próprio jogo (COTTA, 2018).

Portanto, compreender o desenrolar do jogo e a relação de forças entre os coletivos que se defrontam, passa pela identificação de comportamentos que testemunham a eficiência e a eficácia dos jogadores e das equipes, em diferentes fases e momentos de jogo das equipes (TEOLDO *et al.*, 2015).

Para além dos elementos citados anteriormente, Cotta (2018) elenca outros aspectos importantes que servem para orientar as análises, por exemplo: o modelo de jogo; princípios táticos de jogo; movimentos coletivos e individuais; sistema, estratégia e a tática; bem como, dimensões temporal, espacial (zonas do campo) e tarefa (tipos de ação); métodos de ataque, entre outros.

2.2 AÇÕES DE ORIGEM E ZONAS DO CAMPO

2.2.1 Ações de origem

Relativamente as *ações de origem*, importa conhecer as principais ações executadas pelos jogadores com a finalidade de recuperar a posse de bola para, em seguida, iniciar o processo ofensivo eficaz, ou seja, são as formas de retomada ou recuperação da posse de bola que correspondem ao início do método de ataque (GARGANTA, 1997).

No estudo de Cambre Añon *et al.* (2014), o mesmo analisou a final da *UEFA Champions League* e a final do Mundial Interclubes *FIFA*, nas edições da temporada 2010. No jogo final entre Barcelona (21) e Manchester United (25) o fundamento defensivo, entre outros, com maior prevalência foi o desarme por parte do time inglês. Por sua vez, a equipe do Barcelona (117) realizou mais pressão sobre a equipe do Manchester (82). Segundo o autor, isso pode ser explicado pelo fato de o Barcelona permanecer mais tempo em posse de bola, fazendo o adversário correr mais atrás da mesma. Já no jogo final entre Barcelona (20) e Santos FC (19), foi possível verificar certa superioridade da equipe espanhola, porém, houve maior equilíbrio quanto ao número de desarmes por parte de ambas equipes ao longo do jogo. Por outro lado, o Barcelona realizou maior pressão sobre a equipe do Santos.

Santos *et al.* (2016) analisou 557 gols de 10 equipes pertencentes às Ligas Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Alemã na temporada 2013/2014. Dentre as variáveis estudadas, os eventos analisados foram a forma de recuperação de bola, zona de recuperação da bola, zona do último passe e zona de finalização, entre outros. Variáveis semelhantes ao nosso estudo. Quanto as formas de recuperação da bola (ação de origem) com mais ocorrências foram as relativas à bola perdida (166; 29,80%); seguido de interceptação (99; 17,77%); desarmes (89; 15,98%); falta (81; 14,54%); duelo aéreo (15; 2,69%); goleiros (3; 0,54%), entre outras.

Führer (2014) analisou 936 gols na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2013, através de variáveis situacional, espacial, temporal, tarefa e jogador. Relativamente as variáveis de interesse do nosso estudo, o autor verificou que a origem do gol através de um erro do adversário foi o fator que mais originou o gol (190 gols; 20, 3%), seguido da roubada de bola (158 gols; 16,9%).

Embora os gols oriundos de bola parada não foram observados em nosso estudo, o mesmo autor citado anteriormente, verificou que 19,7% (184 gols) dos gols originaram de bola parada através de cobranças de faltas. Barletta (2009) analisando a ocorrência dos gols da Liga dos Campeões (2007-2008) e a Copa Libertadores (2008), constatou que 24,30% dos gols aconteceram em situações de bola parada, principalmente, através de faltas.

2.2.2 Zonas de origem

Conforme Castelo (1996), logo após a retomada da posse de bola, o objetivo fundamental da equipe é o de progredir na direção da goleira adversária, de maneira rápida e eficaz, evitando que o processo seja interrompido, portanto, a zona em que a posse de bola é conquistada gera influência sobre o processo ofensivo em relação à sua eficácia, portanto, é de suma importância entender a zona do terreno de jogo na qual se desenrola o início da ação observada (GARGANTA, 1997).

No estudo de Santos *et al.* (2016) a zona de prevalência do início da fase ofensiva foi na zona ofensiva central (zona 11; 82; 14,77%), sendo que o resultado de tais ocorrências resultou em gol. A segunda zona de maior incidência foi a zona

média ofensiva direita (zona 9; 71; 12,79%). Logo após, a zona média ofensiva central com mais ocorrências de recuperação da bola foi a zona 8 (62; 11,17%). O autor analisou 557 gols de 10 equipes pertencentes às Ligas Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Alemã na temporada 2013/2014.

Ramos (2011) recorreu à observação e análise da eficácia ofensiva de duas equipes na *Champions League* (2010-11). Quanto às zonas de recuperação da posse de bola entre as equipes estudadas, pode encontrar diferenças. Em relação ao Manchester United as recuperações de bola chegaram a 70% ao considerar o setor defensivo (35%) e setor médio defensivo (35%) como local de início da fase ofensiva. O corredor central representou o maior número de aquisições de bola (54%) para a equipe inglesa. Já a zona defensiva central (Zona 2) apresentou o maior valor com 23%. Já no setor médio ofensivo ocorreu 24% das ações de retomada da posse de bola, ou seja, na zona de origem. Por sua vez, para o Barcelona o setor médio defensivo (41%) e setor médio ofensivo (25%) representaram o maior espaço de reconquista da posse de bola e, conseqüentemente, iniciar o ataque. Na equipe espanhola, a zona média defensiva central apresentou o maior valor com 21% (Zona 5); no corredor central ocorreu 48% das aquisições de bola. Por fim, no setor ofensivo ocorreram 17% das ações para equipe espanhola e 6% para a equipe inglesa.

2.2.3 Zonas do último passe

Com relação a *zona do último passe* (variável espacial), que antecede os gols, Cruz (2014) constatou que as frequências de ocorrência desse tipo de ação aumentam à medida que a bola se aproxima da goleira adversária. Nas edições de 2010 a 2012 do Campeonato Brasileiro, o índice encontrado foi de 30% em gols que obtiveram o último passe realizado numa zona ao lado da área do adversário. O autor salienta que os corredores laterais na zona defensiva, indicam ser os espaços vulneráveis e os mais explorados na marcação de gols e questões táticas e técnicas podem ter sido determinantes para os dados encontrados. A qualidade dos jogadores das melhores equipes ou o sistema tático contribui para chegar com mais

facilidade e frequência à área dos oponentes, possibilitando o maior número de passes oriundos dessas zonas para a realização dos gols.

Relativamente aos dois níveis estudados, nas três temporadas o autor encontrou resultados parecidos quanto à zona que mais ocorreram o último passe que antecede o gol. A zona 12 englobou um número maior de acontecimentos deste tipo de ação em 2010 (de 299, 53; 17,7%), 2011 (de 301, 70; 23,3%) e 2012 (de 290, 48; 16,6%). A segunda zona de maior prevalência de assistências foi a zona 10, sendo em 2010 (de 299, 42; 14%), em 2011 (de 301, 49; 16,3%) e em 2012 (de 290, 46; 15,9%). Um elemento da cultura futebolística brasileira é a utilização de laterais com características ofensivas na última linha defensiva, podendo ter contribuído com os dados encontrados (CRUZ, 2014).

Moraes *et al.* (2012) analisou 1092 gols do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2009 da Série A. Seu objetivo foi descrever e identificar qual a zona de origem do passe que antecede o gol no futebol e a zona de finalização que apresenta maior frequência de ocorrência de gol, bem como analisar qual o tempo de realização do mesmo. A existência de associação entre as dimensões de tempo e espaço para equipes de nível de rendimento distinto e resultado de jogo também fez parte da investigação.

Quanto aos resultados encontrados relativamente a zona de origem do passe que antecede o gol (variável espacial), o estudo apresentou que a maior frequência de ocorrência desta ação foi na zona 11 (dentro da área de pênalti), com 347 (33,1%) passes dos 1047 observados. Com percentuais mais baixos seguem as zonas 12 (149; 14,3%) e 10 (117; 11,2%). As demais áreas apresentaram frequências de ocorrências menores que 10%. O autor salienta que mesmo com elevada preocupação coletiva em proteger este espaço de jogo, as ações ofensivas tem imposto grandes dificuldades ao setor defensivo, tornando-o um espaço vital na busca do objetivo de marcar gol ou evitá-lo (MORAES *et al.*, 2012).

Em relação à zona do último passe que antecede o gol, Führer (2014) indica a zona central externa à área (zona 14) como a de maior predomínio, ou seja, 185 vezes (19,8%) no Campeonato Brasileiro de 2013. Além desta zona, as zonas laterais à área, ou seja, as zonas 16 (66 gols) e 19 (88 gols) e também as zonas de dentro da área - zonas 17 (108 gols) e 18 (117 gols) - também foram importantes. O

autor considera algumas razões que podem ter contribuído com tais percentuais encontrados. No primeiro caso, pode ser devido às cobranças de escanteio e faltas vindos daquele espaço, bem como, cruzamentos com bola rolando. No segundo caso, o motivo pode ter sido os passes laterais curtos dentro da área para que o companheiro, com o gol aberto, finalize.

A esse respeito, Führer (2014) indica que a maioria dos gols ainda acontecem de dentro da área, havendo poucas finalizações de média e longa distância, ou o percentual de aproveitamento é baixo neste tipo de jogada. Ou seja, os jogadores preferem executar uma assistência nesta região a fim de que um companheiro tenha melhores condições de finalizar numa zona mais próxima da meta.

No que diz respeito a zona do último passe para finalizar, a pesquisa de Santos *et al.* (2016) revela números importantes sobre tal variável. A zona que ocorreu mais vezes passes para finalizar é a ofensiva direita (zona 12; 114; 19,6%), zona ofensiva esquerda (zona 10; 91; 15,22%), zona média ofensiva central (zona 8; 66; 11,04%) e zona ofensiva central (zona 11; 59; 9,87%), respectivamente. O autor analisou 557 gols de equipes de elite pertencentes às Ligas Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Alemã de Futebol, na temporada 2013/2014.

2.2.4 Zonas de finalização

Nos achados da pesquisa de Cruz (2014), no que se refere à *zona de finalização*, nas temporadas (2010 a 2012 do Campeonato Brasileiro Série A) avaliadas, a prevalência de ocorrência de gol aconteceu na zona 11 (região central dentro da área). A segunda zona de prevalência na realização de gols foi a zona 11 (fora da área), com percentuais bem abaixo daqueles encontrados dentro da área. Portanto, a grande maioria dos gols marcados pelas equipes que pertenceram aos dois níveis (4 melhores colocados e 4 piores colocados) considerados no estudo, ocorreram na grande área, principalmente, na zona central (edição 2010, 83,4%; 2011, 86,1% e 2012, 85,3%).

Considerando os dois níveis superior e inferior avaliados, no ano de 2010, 69% (278 de 403) dos gols foram marcados nesta zona, depois, em 2011, 73,6%

(301 de 409), e na temporada seguinte, em 2012, 76,1% (300 de 394) foram marcados na zona 11, dentro da área. Ao longo das três edições houve um aumento de percentual de 7,1% de gols finalizados na zona central. Nas temporadas de 2010 (8,9%; 36 gols) e 2012 (9,1% ;36 gols), a segunda zona de prevalência foi a zona 11, fora da área, com resultados inferiores daqueles vistos acima. Por outro lado, em 2011, a zona 11 - fora da área, foi apenas a 4ª em números de acontecimentos (5,6% ou 23 gols), ficando atrás das zonas 10 (6,6%) e 12 (5,9%), dentro da área de pênalti (CRUZ, 2014).

O autor justifica que as melhores equipes marcam mais gols finalizando na zona 11, dentro da área, em razão da maior qualidade técnica ou tática de suas equipes, mesmo que, percentualmente, isto se verificou apenas na edição de 2010, quando houve diferença estatisticamente significativa. Segundo os resultados apontados pela sua pesquisa e, baseando-se no resultado de outros estudos do tema já publicados e citado pelo mesmo, encontrar a maioria dos gols sendo marcados dentro da grande área, parece ser uma tendência (CRUZ, 2014).

No estudo de Moraes *et al.* (2012) analisando a zona de finalização que mais resultou em gol, pode identificar prevalência da zona 11, dentro da área de pênalti, com uma ocorrência de 834 finalizações que representam 76,4% das 1092 observações realizadas. Quanto às demais zonas de finalização observadas, apresentaram frequências inferiores a 6%. Interpretando o percentual encontrado, quanto à zona de finalização que resulta em gol, parece indicar, segundo o autor, que os chutes de longa e média distância apresentam pouca frequência ou, ainda, não teve a eficácia almejada.

Führer (2014) analisou 936 gols na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2013 e constatou que 85% dos gols originaram de dentro da área, sendo nas zonas 17 e 18 (78,31%) e zona 20 (6,73% gols de pênalti). Nas regiões fora da área, o maior percentual encontra-se na zona 14 (13,68%), espaço central que possibilitou chutes de média e longa distância, com a bola rolando ou parada.

Santos *et al.* (2016) analisou 557 gols em equipes de elite de Futebol pertencentes às Ligas Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Alemã de Futebol, na temporada 2013/2014. Relativamente as zonas de finalização, o estudo verificou que os gols foram predominantemente realizados dentro da grande área (362; 60,44%),

seguindo-se nas zonas da pequena área (127; 21,2%). Nas zonas fora da área, foram registrados 18,03% (108) dos gols observados.

Ramos (2011) recorreu à observação e análise da eficácia ofensiva de duas equipes na *Champions League* (2010-11). Ao observar o Manchester United, a zona de prevalência das finalizações das sequências ofensivas positivas foram a Zona 11 (36%), seguido da Zona 10 (26%) e da Zona 12 com 21%. A outra equipe analisada, o Barcelona, obteve prevalência das sequências ofensivas resultante em gols constatado através da Zona 11 (47%), bem como, na Zona 10 (27%) e Zona 12 (21%).

2.3 MÉTODOS DE JOGO

Garganta *et al.* (2013) salienta que o jogo de futebol constitui-se em uma disputa entre duas equipes que se estruturam e se movimentam com intenções no campo de jogo, visando a marcação de gol na baliza adversária e evitar sofrer gol na baliza que defende. Portanto, o futebol evidencia como elementos essenciais o combate pela posse de bola, pelo tempo e pelo espaço.

Tal relação de oposição e cooperação descreve-se como tarefas reversíveis sejam quando a equipe tem a posse de bola ou quando não a tem. Desta forma, as situações de oposição são tão evidentes que o jogo de futebol pode ser perspectivado como uma série de sequências imprevistas de fases e transições, ofensivas e defensivas (GARGANTA *et al.*, 2013).

Nessa linha de entendimento Sarmiento (2012) salienta que através dessa relação adversa, o jogo é desenvolvido mediante um quadro de luta permanente pela posse de bola, que consolida duas fases importantes do jogo: a defesa ou o processo defensivo, que corresponde pela procura da posse da bola, e o ataque ou o processo ofensivo, que é determinado pela posse de bola.

No jogo de futebol existem fases e momentos do jogo. Podemos definir as fases do jogo como etapas percorridas no desenvolvimento tanto do ataque quanto da defesa, desde o seu início até a finalização. A evolução deste processo acontece,

então, a partir de um conjunto de etapas complementares que devem ser encaradas num contexto de relação de forças (TEODORESCU, 1984).

A partir dessa ideia Garganta (1996, apud TEOLDO *et al.*, 2015, p. 56) diz que:

Na fase defensiva, os jogadores tentam continuamente neutralizar a ação dos atacantes para conseguir uma posição estável, a fim de recuperar a bola; e na fase ofensiva, pretende-se criar de forma auto-ordenada desordem na defesa adversária com o objetivo de romper o equilíbrio e marcar o gol.

Portanto, na opinião de Teodorescu (1984), a fase ofensiva é caracterizada pelo fato de a equipe ter a bola em sua posse e buscar a marcação de gol, através de ações individuais ou coletivas. Por outro lado, a fase defensiva caracteriza-se pela equipe não ter a bola em sua posse e por meio de jogadas individuais ou coletivas, tentar recuperá-la, evitando assim o gol na sua baliza.

Sarmiento (2012) considera uma subdivisão dentro da organização ofensiva e reforça a existência de quatro fases assim descritas: a primeira é a fase de construção (construção curta ou construção longa); seguido da fase de preparação; a terceira fase é a de criação e, por último, a fase de finalização.

Guilherme Oliveira (2004 apud TOBAR, 2012, p. 146) deixa claro que a nomenclatura “fases” surge em função da “característica sequencial dessas mesmas etapas, ou seja, existe sempre uma lógica sequencial implícita”, e explica que uma equipe está se defendendo ou está atacando, sendo assim, ao recuperar a bola passará a atacar, enquanto que ao perder a bola, passará a se defender, sendo essa uma lógica sem interrupção.

No que diz respeito aos momentos do jogo de Futebol:

A organização ofensiva pode ser definida como o instante em que uma determinada equipe detém a posse de bola e possui seus jogadores dispostos para o ataque. É justamente quando a equipe se organiza para o ataque em estrutura e pelas respectivas funções ofensivas de cada elemento que são interdependentes em nível coletivo. O objetivo final é evidenciar desequilíbrios defensivos no adversário, fazendo com que se tenha criação de oportunidades de finalização e chances de realização do gol (PIVETTI, 2012, p. 144).

Já a organização defensiva é o momento do jogo em que o adversário adquire a posse de bola e assume a iniciativa ofensiva do jogo, ou seja, a organização defensiva depende da condição urgente de recuperar a posse de bola.

Contudo, passa a exigir da organização defensiva uma maior elaboração para que a reconquista da posse de bola seja rápida e eficiente (PIVETTI, 2012).

Segundo Pivetti (2012) as transições ofensivas (defesa-ataque) são instantes do jogo que se caracterizam como a situação em que a equipe recupera a posse de bola e inicia suas ações ofensivas. Por outro lado, as transições defensivas (ataque-defesa) são instantes do jogo que configuram como os instantes em que a equipe perde a posse de bola para o oponente e tem de se estruturar em termos defensivos, para impedir a progressão ofensiva do oponente e proteger sua meta contra a finalização adversária. A eficácia de tal momento, pode significar não sofrer gol durante um jogo, portanto, tal momento é de importância vital para a segurança da equipe.

Relativamente aos princípios táticos (gerais, operacionais, fundamentais e específicos), os mesmos estão subentendidos e presentes nos comportamentos dos jogadores durante uma partida de futebol, possibilitando contribuir na marcação de um gol ou o seu impedimento. No aspecto coletivo, aplicar os princípios táticos, tanto na fase ofensiva quanto na defensiva, ajuda no melhor controle do jogo pela equipe e determinam o modo de uma equipe jogar (TEOLDO *et al.*, 2015).

Nesse cenário, o meio ou o método de elaboração da fase ofensiva de uma equipe depende muito do modelo de jogo proposto pelo treinador e que este, por meio dos seus atletas, consiga otimizar, levando em conta as características de cada jogador na dinâmica coletiva para ter uma fase ofensiva eficiente (PIVETTI, 2012).

De acordo com Castelo (1996), os métodos visam assegurar três objetivos fundamentais: 1) criar condições favoráveis, em termos de espaço, tempo e número, para concretizar a finalidade do ataque ou dos objetivos táticos de momento da equipe, condicionando o adversário ao erro; 2) manter de forma contínua a instabilidade defensiva adversária, independente das fases do processo ofensivo, e 3) a execução das ações técnico-táticas individuais e coletivas, em direção à meta adversária ou para as zonas essenciais do campo de jogo.

Baseado na literatura consultada podemos constatar três métodos de ataque fundamentais: contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional (CASTELO, 1994, 1996; GARGANTA, 1997; RAMOS, 2005).

2.3.1 Contra-ataque

A ideia central desse método é propiciar condições vantajosas para preparar a finalização antes da defesa contrária se organizar (GARGANTA, 1997). Portanto, esse método é reconhecido como uma ação tática em velocidade que, logo após recuperar a posse de bola, a equipe tenta chegar rapidamente à baliza adversária sem que a mesma tenha tempo para se organizar defensivamente (RAMOS, 1982, apud GARGANTA, 1997, p. 213).

Thiengo (2020, p. 42) reafirma:

É o tipo/método de ataque que ocorre por meio da coordenação das ações táticas e técnicas da equipe, que realiza uma rápida transição ofensiva, reduzindo o tempo de construção do ataque pelo elevado ritmo da decisão e ação da circulação da bola e dos/das jogadores/jogadoras no campo de jogo.

Para mais, o desenvolvimento do contra-ataque ocorre através da participação de um número reduzido de atletas, com a otimização de tempo/espço e sua forma de se relacionarem, de modo a impossibilitar que a defesa contrária se ajuste utilizando os jogadores mais bem posicionados (THIENGO, 2020).

Dentre as principais características do método, Garganta (1997) atribui alguns aspectos relevantes ao referido método de atacar: 1) recuperação da posse de bola na metade defensiva de campo, tendo a equipe adversária avançada na metade ofensiva do terreno de jogo e desequilibrada defensivamente; 2) utilização de passes longos para frente, priorizando passes em profundidade aos passes em largura e desmarcações de ruptura; 3) rápida transição da zona de retomada da posse de bola à zona de finalização; 4) número igual ou inferior a cinco passes; 5) duração do ataque igual ou inferior a doze segundos; 6) ritmo de jogo elevado por motivo de maior velocidade de circulação da bola e dos atletas; e 7) rápida mudança das atitudes e dos comportamentos técnico-táticos do jogador e da equipe da defesa para o ataque, imediatamente após a conquista da bola (CASTELO, 1994, 1996; 2003, 2009; TEISSIE, 1969 citado por SARMENTO, 2012, p. 25; THIENGO, 2020).

Thiengo (2020, p. 42) reforça o conceito de método de ataque dentro da respectiva fase ofensiva como “todo contra-ataque ocorre durante a transição ofensiva, entretanto, nem toda transição ofensiva é um contra-ataque”.

Castelo (2009 apud SARMETO, 2012, p. 25) ressalta, assim como outros métodos ofensivos, as vantagens e desvantagens. Sobre as vantagens do método, o autor afirma: 1) a instabilidade constante da defesa adversária; 2) o desgaste psicológico e físico dos marcadores; 3) a dificuldade de marcar os atacantes; 4) o incremento da autonomia e criatividade dos atacantes; e 5) o fato de criar vantagens de tempo e espaço. Por sua vez, as desvantagens percebidas pela utilização desse método, são semelhantes com as do método ofensivo ataque-rápido.

Segundo Leitão (2004, p. 86)

Na situação do contra-ataque, a equipe que recupera a posse de bola e inicia seu ataque não precisa buscar desequilibrar o sistema defensivo do adversário, pois o equilíbrio defensivo ainda não foi atingido por ele. Basta que a transição defesa-ataque, da equipe que recupera a posse de bola, seja mais rápida na busca do equilíbrio, do que a transição ataque-defesa, da equipe que perde a posse da bola para as chances de êxito no contra-ataque aumentarem consideravelmente.

2.3.2 Ataque rápido

As características do ataque rápido são similares ao contra-ataque. A principal diferença entre os dois tipos de ataque reside no fato de que no ataque rápido a fase de finalização é preparada com a defesa adversária organizada no seu método de jogo defensivo, enquanto que no contra-ataque a defesa adversária não encontra tempo para se organizar (CASTELO, 1992 citado por GARGANTA, 1997, p. 213; SARMENTO, 2012).

Corroborando com os autores, Thiengo (2020) evidencia que o ataque rápido apresenta características próximas ao contra-ataque, no entanto, é realizado com a equipe adversária já organizada na fase defensiva, conseqüentemente, a equipe atacante terá que elaborar melhor a fase de finalização da organização ofensiva.

Garganta (1997) descreve alguns aspectos que caracterizam tal método, como: 1) a reconquista da bola por parte de quem irá atacar ocorre no meio de campo ofensivo ou defensivo e a equipe oponente já se encontra equilibrada no seu método defensivo; 2) a bola circula pelo espaço de jogo em largura e em profundidade, alternando passes curtos e longos e desmarcações de ruptura; 3) em regra, o tempo de ataque dura dezoito segundos e são realizados sete passes no

máximo; e 4) ritmo de jogo intenso em função da maior velocidade na circulação da bola e dos jogadores (CASTELO, 1992, 1994, 2003, 2009; TEISSIE, 1969, apud SARMENTO, 2012, p. 26).

Segundo Thiengo (2020, p. 42) o método ataque rápido tem como principais características fundamentais “reduzido tempo de construção ofensiva, elevado ritmo de decisão e ação dos/das jogadores/jogadoras, simplicidade das ações ofensivas, otimização na relação tempo/espço e utilização dos/das jogadores/jogadoras melhor posicionados/posicionadas”.

Castelo (2003, 2009 apud SARMETO, 2012, p. 26) ressalta algumas desvantagens do método ofensivo ataque rápido: 1) redução da eficácia na ação ofensiva; 2) excesso de individualização do processo; 3) a equipe reduz sua coesão; 4) o desgaste físico é maior; e 5) alta demanda do espírito de sacrifício. Por seu lado, as desvantagens do contra-ataque são as mesmas descritas no ataque-rápido.

2.3.3 Ataque posicional

O ataque posicional se configura como um método de jogo ofensivo com uma fase de construção ofensiva mais longa e elaborada, em que a transição da defesa para o ataque predomina passes curtos, coberturas ofensivas e desmarcações de apoio. (GARGANTA, 2007).

De acordo com Thiengo (2020, p. 42) corroborando com a ideia dos autores citados anteriormente e, contribuindo com o entendimento do conceito do método ofensivo, salienta que o ataque posicional:

É o tipo ou método de ataque caracterizado por uma elevada fase de elaboração da construção do ataque, em que a equipe apresenta uma forma de jogar que evidencia um bloco homogêneo e compacto, que utiliza um grande número de jogadores (as) e de ações para concretizar os objetivos. Nesta forma de organização ofensiva as atitudes e comportamentos individuais e coletivos são pautados na segurança das ações ofensivas, fato que exige a criação constante de condições mais favoráveis para a concretização de uma ação tática e com busca permanente pela ocupação racional do espaço.

São características que prevalecem no método ofensivo de ataque posicional, de acordo com Garganta (2007): 1) a bola é recuperada na metade ofensiva ou

defensiva do campo, com a equipe adversária equilibrada defensivamente; 2) a circulação da bola acontece mais em largura do que em profundidade, privilegiando a segurança na resolução das situações do jogo; 3) a circulação da bola requer passes curtos e desmarcações de apoio; 4) o tempo de ataque supera os dezoito segundos, bem como, requisita uma demanda superior a sete passes para concretizar a finalização; 5) o ritmo de jogo é mais lento em relação aos outros métodos, em função da menor velocidade de circulação da bola e do jogador; e 6) revela uma ação coletiva num bloco compacto e homogêneo (CASTELO, 1992, 1994; 2003, 2009; TEISSIE, 1969, apud SARMENTO, 2012, p. 26).

O desenvolvimento deste método de jogo ofensivo apresenta vantagens e desvantagens na sua aplicação. No que diz respeito as vantagens do método CASTELO (2003, 2009, apud SARMENTO, 2012, p. 27) enfatiza: 1) evitar perdas da posse da bola; 2) distribuição equilibrada dos jogadores da equipe; 3) criar condições de superioridade numérica; e 4) desenvolvimento das possibilidades de os adversários entrarem em crise de raciocínio tático.

No que tange as desvantagens do método Castelo (2003, 2009, apud Sarmento, 2012, p. 27) descreve: 1) a possibilidade de os oponentes se organizarem bem; 2) a constante interpretação das situações de jogo por parte dos atacantes; 3) a busca constante da equipe pelo equilíbrio da sua organização; 4) a parca aplicação das ações de risco e das decisões; 5) o baixo número de mudanças do ângulo de ataque; e 6) a utilização de um número elevado de jogadores durante a fase ofensiva.

Perante o exposto, o gol está no centro da dinâmica do jogo e representa o elemento em relação ao qual se orientam as intenções técnico-táticas dos jogadores (GARGANTA, 1997).

O mesmo autor destaca que no desenrolar de um jogo de futebol, até conseguir marcar um gol ou evitar a sua marcação, os jogadores e a equipe visam estabelecer uma supremacia sobre o adversário. Portanto, o comportamento dos jogadores acaba sendo guiado por um objetivo: vencer o jogo. Logo, devem garantir a busca por meios ou métodos de ataque visando a marcação do gol.

3 METODOLOGIA

3.1 AMOSTRA

Para integrar a amostra deste estudo, optamos por analisar os 23 gols marcados pelas equipes finalistas da *UEFA Champions League*, edição 2019/2020. A amostra foi constituída de um total de 9 jogos oficiais dos quais os clubes francês e alemão atuaram, levando-se em conta apenas os 90 minutos regulamentares. Ambas as equipes dispuseram os jogos das oitavas de final (Chelsea 0x3 Bayern e Bayern 4x1 Chelsea; Borussia 2x1 PSG e PSG 2x0 Borussia), quartas de final (Atalanta 1x2 PSG e Barcelona 2x8 Bayern), semifinal (RB Leipzig 0x3 PSG e Lyon 0x3 Bayern) e o confronto direto na final (PSG 0x1 Bayern) como mecanismo de análise, tomando em consideração a relevância destes, por se tratarem de jogos eliminatórios. Nas oitavas de final, foram disputados jogos de ida e volta. Já nas demais fases eliminatórias foi realizado jogo único.

3.2 CONCEITUAÇÃO DAS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO ESTUDO

Os dados referentes a este trabalho são provenientes de 9 partidas de Futebol, em uma competição europeia de clubes. Durante todos os jogos foram observados e analisados aspectos considerados relevantes na construção e finalização de um ataque resultante em gol. Para este trabalho selecionamos as variáveis *ação de origem* (modo de recuperar a posse de bola), as *zonas do campo* e os *métodos de ataque* que ocorrem em um jogo de Futebol.

Ação de origem: é representada pela forma em que a equipe recupera a posse de bola para, posteriormente, iniciar a fase ofensiva resultante em gol. Relativamente a esta variável, a mesma será dividida em subcategorias, como por exemplo: interceptação, desarme e erro do adversário.

- *Interceptação*: ação em que um jogador conquista a posse de bola interpondo-se a um passe, finalização do adversário ou pelo domínio de uma bola enviada pelo oponente para uma zona vazia do campo (GARGANTA, 1997).

- *Erro do Adversário*: ocorre quando a equipe que defende recupera a posse de bola por meio de faltas do adversário, cobranças de linha lateral, tiro de meta e impedimentos (RAMOS, 2005).

- *Desarme*: ação em que um jogador retoma a posse de bola intervindo sobre ela, através de um confronto direto com o atacante que visa a manutenção da posse (GARGANTA, 1997).

Zona de origem: é o local do campo de jogo em que se originou a construção ofensiva que resultou em gol e representa essa variável.

Zona do último passe: é representada pela zona de realização do último passe que antecede o gol.

Zona da finalização: é representada pela zona do campo em que aconteceu a finalização que resultou em gol.

Para a coleta de dados relativo às variáveis *zona de origem* da ação ofensiva, *zona do último passe* e *zona da finalização*, recorreremos a um modelo de campo adaptado do proposto por Moraes *et al.* (2012), de acordo com a Figura 1.



Figura 1 – Campograma. Fonte: adaptado por MORAES *et al.* (2012)

Métodos de ataque: modo como os jogadores de certa equipe desenvolvem o processo ofensivo, desde o momento da recuperação ou aquisição da posse de bola, até o momento de finalização ou perda da posse da mesma (RAMOS, 2011).

Contra-ataque: método de atacar reconhecido como uma ação tática em velocidade que, logo após recuperar a posse de bola, a equipe tenta chegar rapidamente à baliza adversária sem que a mesma tenha tempo para se organizar defensivamente (RAMOS, 1982, apud GARGANTA, 1997, p. 213).

Ataque Rápido: método de jogo ofensivo realizado com a equipe adversária já organizada na fase defensiva, conseqüentemente, a equipe atacante terá que elaborar melhor a fase de finalização da organização ofensiva (THIENGO, 2020).

Ataque posicional: método de jogo ofensivo com uma fase de construção ofensiva mais longa e organizada, em que a transição da defesa para o ataque predomina passes curtos, coberturas ofensivas e desmarcações de apoio. (GARGANTA, 2007).

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados referentes à variável espacial, foi utilizado uma planilha adaptada de Moraes *et al.* (2012), para registrar a análise dos gols. Para esta e demais variáveis do estudo, os dados coletados foram registrados em uma Planilha Excel no momento em que o avaliador fazia a observação dos gols.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Para a coleta de dados, inicialmente, foram observados os 23 gols que as equipes PSG e Bayern de Munique marcaram nas fases eliminatórias que ocorreram na Champions League - temporada 2019/2020 - através da ferramenta Wyscout. A mesma foi utilizada para realizar o download dos lances completos de gol originados a partir do momento do início da fase ofensiva até sua conclusão. Os gols da fase classificatória e de bola parada (nas fases eliminatórias) não foram observados e

analisados no presente estudo. Para a edição e observação de cada lance de gol, foi utilizado o software de análise de vídeo SportsCode Classic, sendo coletadas todas as variáveis mencionadas anteriormente. Os dados coletados foram anotados inicialmente em uma tabela do Microsoft Excel 365.

Os dados relativos as variáveis do estudo foram coletados pelo autor desta investigação simultaneamente a visualização dos lances dos jogos, mediante observação e anotação dos dados em questão. Utilizamos um *Notebook* para analisar os gols e obter informações necessárias a serem incluídas na planilha.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise descritiva unidimensional das variáveis do estudo foi aplicada pela obtenção de frequências e percentagens para cada uma das categorias que comportaram cada variável.

3.6 TIPO OU CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo se caracteriza como quantitativo transversal descritivo (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2002). O método quantitativo se apresenta na forma de números, sendo os dados obtidos submetidos à análise estatística, frequências e percentagens, expressando resultados, apresentados em gráficos e ou tabelas.

O presente estudo também apresenta características de pesquisa descritiva (pesquisa observacional), em que se observa o comportamento dos sujeitos no ambiente natural. Portanto, ela fornece um meio de coletar dados, sendo um método descritivo de pesquisar certos problemas, observando o comportamento de indivíduos (equipes) e analisar de forma qualitativa ou quantitativa as observações (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), sendo assim, os dados foram observados, registrados e analisados para interpretar as sequências ofensivas visando identificar padrões das equipes estudadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do presente estudo foram constituídos pelas variáveis *ação de origem*, *zona de origem*, *zona do último passe*, *zona de finalização* e *métodos de ataque*.

Em relação a variável *ação de origem*, com base na figura abaixo (Figura 2), verificamos que a ação de origem que apresentou maior frequência de acontecimento para o início da fase ofensiva resultante em gol(s) foi o *desarme*, com 13 (57%) ações de recuperação da posse de bola entre as 23 observadas. Na sequência, com percentuais mais baixos, porém não menos importante, seguem as *interceptações* com 6 (26%) ocorrências e o *erro do adversário* com 4 (17%) eventos que originaram a construção da fase ofensiva eficaz, ou seja, que resultou em gol.

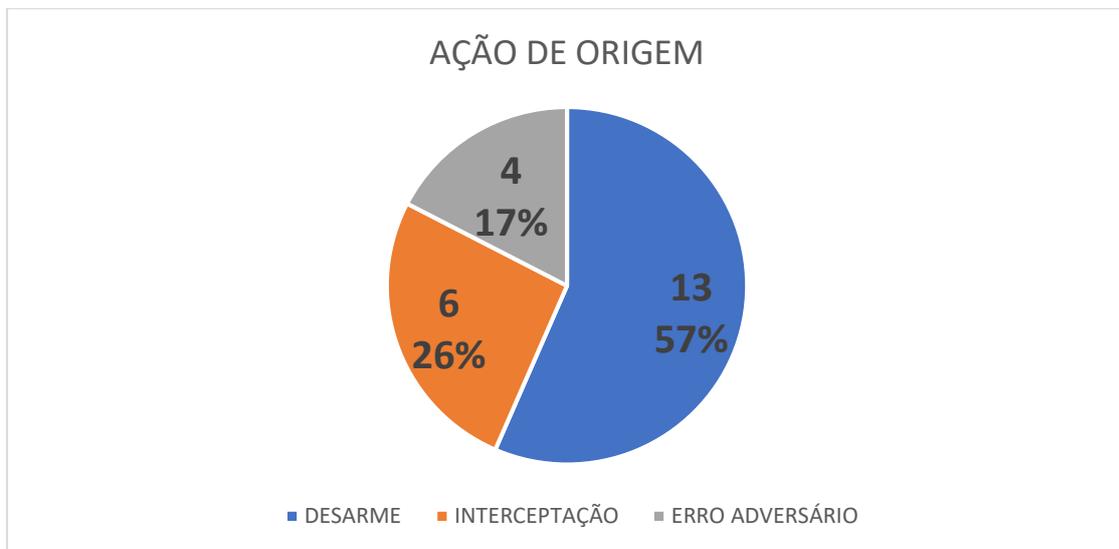


Figura 2 – Gráfico da frequência e porcentagem das ações de origem para o início da fase ofensiva que resultou em gol.

Através desta variável em questão, identificamos semelhanças nas equipes analisadas no presente estudo, evidenciado pela prevalência de desarmes ao analisarmos cada equipe de maneira específica, onde vimos o BAYERN com 53% (9) e o PSG com 67% (4) de suas ações para retomar a posse de bola assim. Logo, a importância deste modo de recuperar o controle da bola pode ser mensurado ao

analisar o confronto direto entre as equipes na final da *Champions League* (2019/2020), vencida pela equipe alemã (PSG 0x1 BAYERN), na qual o início da fase ofensiva que resultou no gol decisivo para a conquista do título, deu-se após a realização de um desarme.

Corroborando com nosso estudo, Vendite (2003) analisa 80 partidas de futebol de uma equipe paulista, em 3 campeonatos brasileiros e três estaduais. Os resultados encontrados referente aos desarmes completos pela equipe ficou entre 27 e 40% das ações. Além do mais, o estudo apontou que quando o percentual de desarmes é pequeno o número de faltas é grande e vice-versa. Fato que podemos constatar neste estudo, em que o elevado número de desarmes (e interceptações) contribuíram para a baixa quantidade de gols realizados por meio de bolas paradas e, conseqüentemente, elevando o número de gols marcados com a bola em movimento (gols marcados por ambas equipes apenas nas fases eliminatórias).

Leitão (2004) ao abordar o tema, investigando 61 partidas de Futebol, observa que a recuperação da posse de bola na forma de desarmes (40%) foi a maneira mais eficiente para preparar sequências ofensivas resultantes em finalizações com gol. As faltas (38%) e interceptações (22%) apareceram logo em seguida e contribuíram na sua forma para com as sequencias ofensivas com gol. Assim, como em nosso estudo, os resultados encontrados pelo autor podem ser explicados fazendo relação com o quanto a equipe que sofre o desarme conduz, dribla ou demora para passar a bola.

De modo geral, às *interceptações* (26%) ficaram em segundo plano quanto às ações de origem observadas em nosso estudo. Porém, Ramos (2005) destaca, ao analisar equipes da elite do Futebol internacional, que a forma que prevaleceu a retomada da posse de bola foi através de *interceptações* (53%); *erros do adversário* (35%) e, *desarmes* (19%). Tornando evidente outro modo de recuperar a posse de bola. Nesse cenário, de acordo com o autor, os resultados acabam expressando o conceito de defesa em zona, pois os adversários não são referência de marcação, sendo os espaços próximos da bola a grande referência e, assim, a ação de encostar no oponente é circunstancial. Em nosso trabalho, a fase ofensiva eficaz teve início de forma prevalente com desarmes, o que exigiu ações mais diretas sobre o oponente em posse da bola.

O resultado do estudo acima, vai ao encontro dos estudos citados por Garganta (1997), quando o mesmo refere a bola recuperada ou interceptação como o modo mais vantajoso de garantir a eficácia ofensiva. Da mesma maneira, Barreira e Garganta (2007) destacam que a transição-estado defesa/ataque iniciou de forma regular após uma interceptação em 36% das ações, ao analisar 4 equipes do Campeonato Português 2004/2005.

Añon *et al.* (2013) avaliaram a *performance* da Espanha na Copa do Mundo FIFA 2010. A partir dos resultados obtidos, através da análise dos jogos, foi possível observar que a Espanha foi inferior nos índices de desarme e defesa do goleiro, porém, houve superioridade no total de ações no caso da bola recuperada (interceptação) e da pressão. Tal achado pode ser justificado por estratégias de marcação mais adiantadas no campo de jogo e, nesse sentido, vão ao encontro do nosso estudo, onde o maior índice de desarmes, erro do adversário e interceptações ocorreram no meio de campo ofensivo, espaço do terreno de jogo mais distante da própria goleira, gerando maior segurança defensiva e prontidão ofensiva para as equipes analisadas.

Portanto, os dados encontrados sinalizam que podemos elevar as chances de sucesso na recuperação da posse de bola, para dar início à transição defesa-ataque, criando estratégias nos treinamentos, a nível individual, grupal e coletivo, com a finalidade de aperfeiçoar as ações de desarmes e interceptações, evidenciando obter a posse de bola para iniciar a transição defesa-ataque o mais rápido possível. Isso não significa o descarte das outras alternativas, mas sim beneficiar possibilidades mais proveitosas de se alcançar um ataque mais efetivo.

Analisando às *zonas de origem do gol*, de acordo com a Figura 3, verificamos que o início da fase ofensiva que resultou em gol obteve maior frequência de acontecimentos, de modo geral, na zona 7 (35%), em 8 ocasiões dos 23 gols analisados. Com percentuais mais baixos, a segunda zona com maior prevalência foi a zona 8 (13%), com 3 lances de início do ataque. Nas demais zonas podemos perceber frequência de ocorrências menores do que 10%. Ao observarmos as equipes de forma específica, a equipe alemã apresentou maior prevalência de acontecimentos na Zona 7 (7 ações). Porém, a zona de maior ocorrência da origem do gol em relação a equipe francesa foi na Zona 1 (2 ações).

Em nosso estudo, não encontramos referência para a Zona 11. Porém, no trabalho de Santos *et al.* (2016) a zona de prevalência de recuperação da posse de bola e conseqüente início da fase ofensiva foi na zona ofensiva central, espaço que corresponde a Zona 11 (82; 14,77%), sendo que o resultado de tais ocorrências terminaram com a concretização do gol.

Com relação aos corredores (central e laterais), verificamos uma prevalência das equipes estudadas em iniciar os ataques pelo corredor lateral esquerdo (14; 61%); seguido do corredor central (5; 22%) e, por fim, o corredor lateral direito (4; 17%). Em vista disso, as equipes analisadas neste estudo sinalizaram a utilização de maior frequência dos corredores laterais do campo de jogo como os espaços mais influentes na construção de seus ataques, evidenciando semelhanças entre as equipes. Inclusive, o início da jogada que culminou com o gol do título da equipe alemã, iniciou pelo corredor lateral direito, mais precisamente na Zona 6.

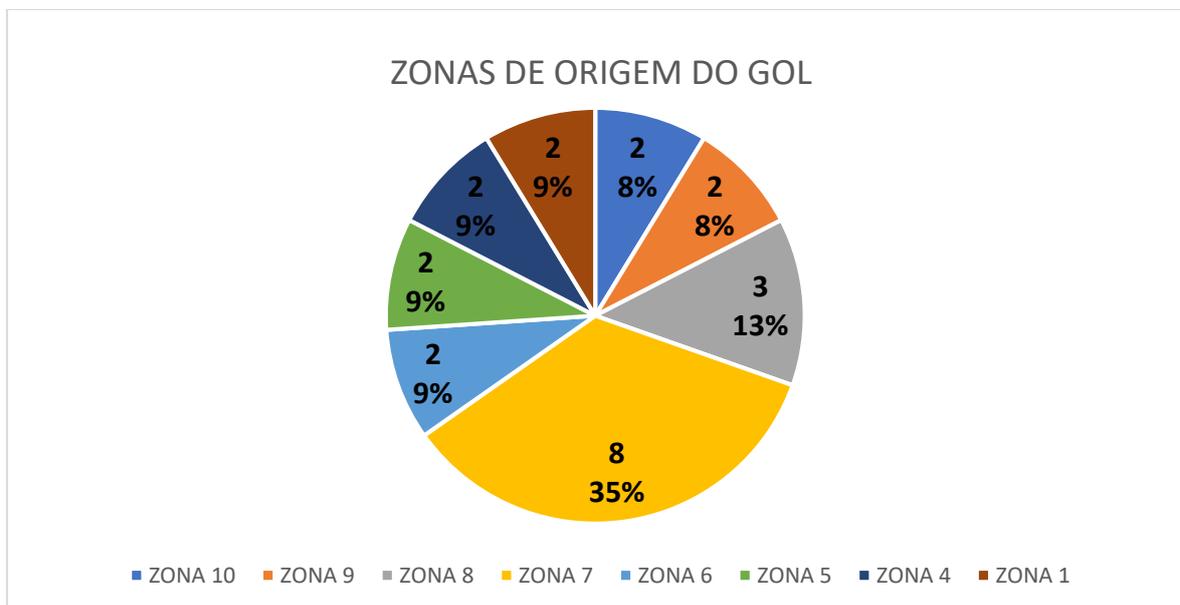


Figura 3 – Gráfico da frequência e porcentagem das zonas de origem em relação ao início da fase ofensiva resultante em gol.

Com relação às zonas do campo (defensiva, média e ofensiva) podemos observar que as equipes alemã e francesa apresentaram maior prevalência de início da fase ofensiva na zona média (19; 83%) do campo de jogo, quando comparada

com a zona defensiva (2; 9%) e zona ofensiva (2; 9%), tornando evidente outra semelhança entre ambas equipes nesse aspecto. Ao analisarmos somente a zona média, também encontramos semelhanças ao observar que as equipes iniciaram a transição defesa-ataque com maior prevalência na zona média ofensiva (13; 68%) em relação com a zona média defensiva (6; 32%) do campo de jogo.

Nesta mesma linha, Barreira e Garganta (2007) citam que existe uma tendência para o jogo se desenvolver no setor médio (defensivo e ofensivo), corroborando com nosso estudo nesse aspecto, conforme visto anteriormente. Além do mais, conforme os autores, o corredor central (zonas 5 e 8) é o mais utilizado pelos atletas na aquisição da posse de bola, tendo certa supremacia deste em relação aos corredores laterais, principalmente os da zona defensiva e zona média defensiva. Porém, encontramos diferenças neste aspecto, visto que, em nosso estudo houve supremacia dos corredores laterais em relação ao corredor central dos momentos de transição defesa-ataque observados. Segundo os autores, é próximo das goleiras (Zonas 1, 2, 3, 10, 11 e 12), que se desenvolve o menor volume de jogo.

A prevalência da fase ofensiva se desenvolver a partir do meio de campo ofensivo, possibilita que o início do ataque seja mais próximo da baliza adversária, oportunizando para a equipe que ataca encontrar os caminhos mais benéficos de finalização da jogada ofensiva. Portanto, adotar estratégias técnico-táticas visando jogadas ofensivas partindo do meio de campo adversário, utilizando os corredores laterais, pode ocasionar maior probabilidade de sucesso na obtenção do gol.

Já, a partir da Figura 4, com relação a variável *zona do último passe* que antecede o gol, podemos constatar que a maior frequência de acontecimentos desta ação, de forma geral, foi na Zona 10 (39%), com 9 assistências das 23 consideradas. Na sequência, o segundo local com maior prevalência de passes para gol foi na Zona 11 (26%) com 6 passes para a marcação de gol. Logo em seguida, na Zona 12 (22%) vimos 5 assistências para finalizar com gol(s). Nas demais zonas (Zonas 9, 8 e 7) o percentual ficou abaixo dos 5% em cada espaço. Os dados encontrados em nosso estudo, em relação à variável *zona do último passe*, não apontam nenhum passe para gol realizado da metade defensiva do campo.

Quando analisamos especificamente cada equipe estudada, observamos uma disposição mais equivalente pela equipe francesa onde efetuou 6 (100%) assistências exclusivamente da zona ofensiva do campo, sendo 2 passes para gol oriundos do corredor lateral esquerdo (Zona 10; 33,33%), 2 passes do corredor central (Zona 11; 33,33%), e outras 2 assistências do corredor lateral direito (Zona 12; 33,33%). Valores que indicam maior predomínio e equilíbrio das ações ofensivas nesta zona do terreno de jogo. Nesta mesma linha, Barletta (2009) cita que encontrou maior predomínio das assistências para gol ocorrer na zona ofensiva do campo, na Zona 4 (144; 121; 84,02%), que em nosso estudo corresponde as zonas 10, 11 e 12.

A equipe alemã realizou 17 passes oriundos da zona média ofensiva e da zona ofensiva, sendo essa a de maior incidência de assistências pelo corredor lateral esquerdo (Zona 10; 41%), com 7 passes para gol, realizou outros 4 passes para gol pelo corredor central (Zona 11; 24%), e mais 3 passes pelo corredor lateral direito (Zona 12; 18%). Na zona média ofensiva, a equipe alemã realizou 1 passe para gol em cada espaço (Zonas 7, 8 e 9).

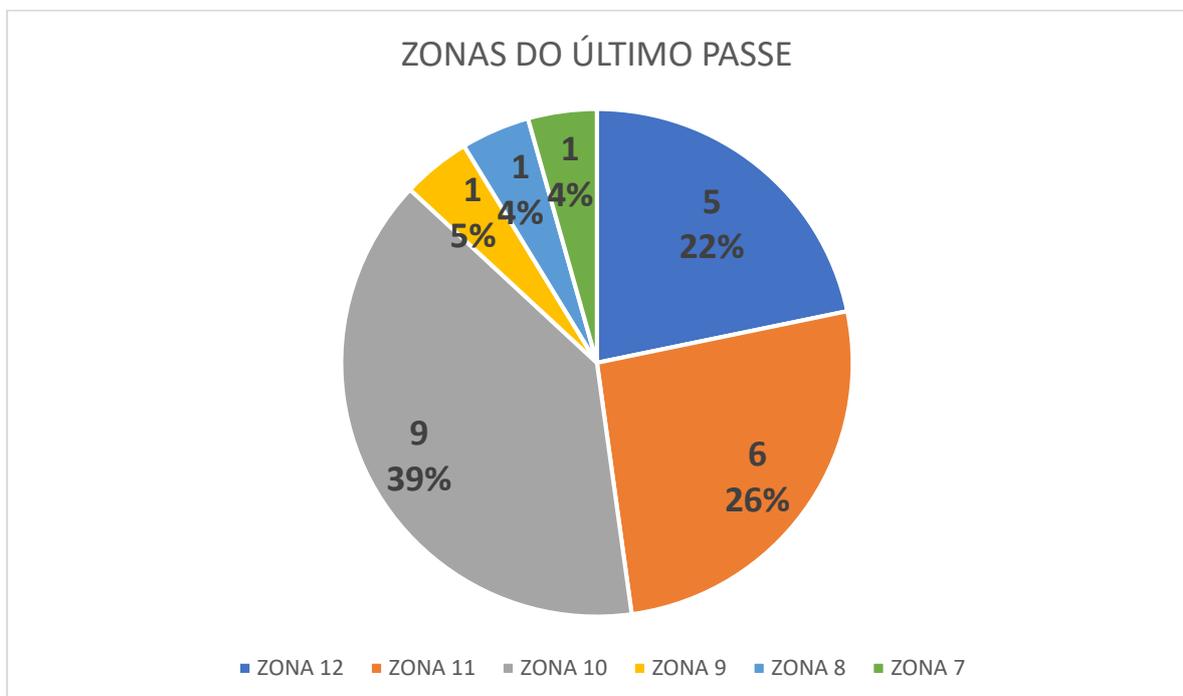


Figura 4 – Gráfico da frequência e porcentagem das zonas do último passe em relação à finalização resultante em gol.

Corroborando com nosso estudo, Ramos (2005) revela que, ao analisar conjuntamente os dados do FC Porto-Chelsea FC, encontrou uma preferência de 25% nas Zonas 12 e 8 como espaços mais utilizados para realizar os passes que antecederam o gol, por outro lado, o AC Milan utilizou mais a zona 12 (39%) e a Zona 10 (30%). Segundo o autor, os dados evidenciaram uma organização ofensiva que valoriza uma ocupação dos espaços nos corredores laterais como forma de progressão pelo campo de jogo e de criar espaços na defesa adversária, o que, de certa forma, evidencia o modelo de jogo da equipe. Portanto, essa preferência de utilizar o último quarto de campo, se dá de forma natural pela maneira mais próxima de municiar a ação de finalização.

Cruz (2014) ao abordar o tema, destaca que a maior frequência de ocorrência desse tipo de ação encontrado, considerando os dois níveis estudados, foi na Zona 12 (fora da área de pênalti), na temporada 2010 (53; 17,7%), 2011 (70; 23,3%) e 2012 (48; 16,6%). Resultado semelhante ao nosso estudo, no que diz respeito ao uso dos corredores laterais, pois, nestes espaços do campo, verificamos a maior ocorrência de assistências (Zona 10). Concordando com o pensamento do autor, o mesmo ressalta a vulnerabilidade dos corredores laterais, em função da qualidade de jogadores que atuam pelos flancos (atacantes) e, ainda, pelas características ofensivas dos laterais em determinadas culturas esportivas.

Embora no presente trabalho a Zona 11 foi a segunda mais utilizada como local de assistência para gol, no estudo de Moraes *et al.* (2012) a maior frequência de ocorrência desta ação foi na zona 11 (dentro da área de pênalti), com 347 (33,1%) passes dos 1047 observados. Conforme o autor, a maior preocupação coletiva quanto à proteção deste espaço de jogo não foi suficiente para inibir as manobras ofensivas relacionadas as assistências. Nesse sentido, a Zona 11 demonstra ser um espaço vital para as pretensões tanto ofensivas como defensivas na busca da respectiva organização e inibição da marcação do gol.

Da mesma forma, Silveira (2018) analisando jogos da Copa do Mundo da Rússia em 2018, constatou que em 31,48% dos passes para gol foram realizadas da zona central do meio de campo; 9,26% partiram da zona defensiva do campo; 16,67% do lado direito e 14,82% do lado esquerdo do campo de ataque. Evidenciando prevalência do corredor central nas ações observadas. Para o autor, os dados encontrados podem fazer relação com a postura ofensiva das equipes,

trocando passes de modo contínuo, sem a necessidade de fazer cruzamentos, mesmo sabendo das dificuldades de encontrar oportunidades vantajosas de gol pela zona central.

Levando em consideração a variável *zona de finalização*, conforme a Figura 5, podemos observar que 91% das finalizações resultantes em gol aconteceram na Zona 11, com uma ocorrência de 21 finalizações com gol das 23 observadas. Com uma frequência bem menor, a Zona 10 representou 9% das ações, correspondendo a duas finalizações convertidas em gol. Apesar de algumas zonas terem pouca ou nenhuma frequência de finalização, como no caso do nosso estudo, merecem ser consideradas em se tratando de situações de treinamento e estratégias ofensivas e defensivas. Principalmente na Zona 8, localizada no corredor central da zona média ofensiva, espaço situado numa região ideal para finalizações de média e longa distância.

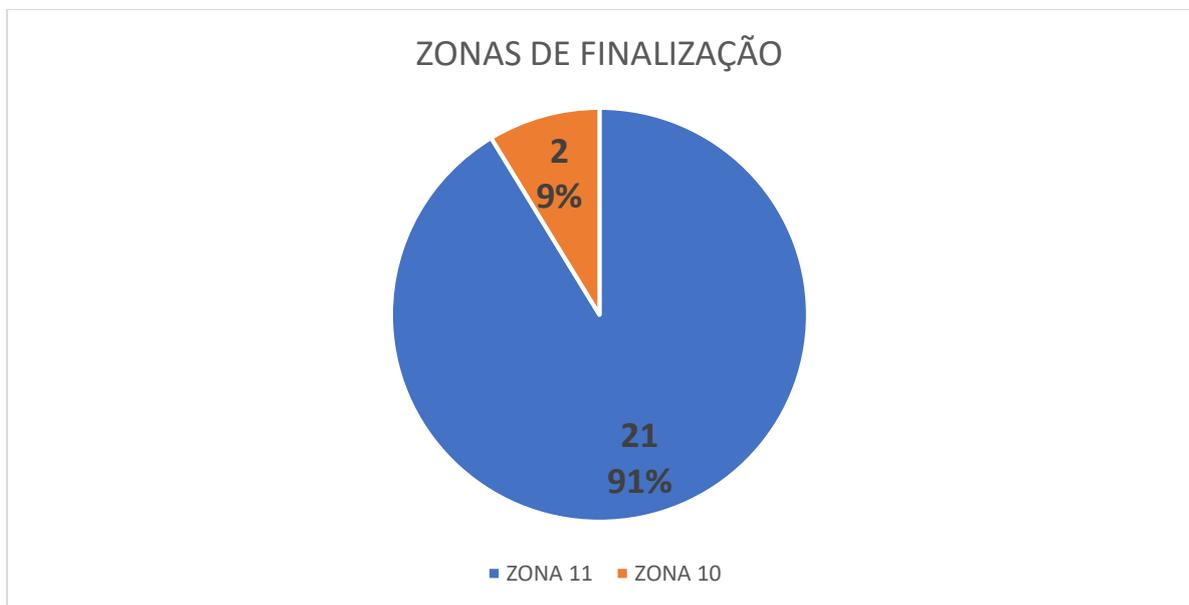


Figura 5 – Gráfico da frequência e porcentagem das zonas de finalizações efetivas.

A prevalência da Zona 11 pode ser compreendida quanto à sua utilização, observando as zonas do último passe investigadas anteriormente, bem como, analisando diversos estudos sobre a variável em questão. Os movimentos ofensivos explorando os corredores laterais e a presença constante dos meio-campistas

dentro da grande área, juntamente com os atacantes, aumentam as possibilidades de marcação do gol nessa região do campo.

Corroborando com nosso estudo Silveira (2018) analisou 169 gols da Copa do Mundo: Rússia 2018 e descobriu que em 84,71% dos gols foram realizados de dentro da grande área, sendo que um total de 58,6% dos gols foram realizados da zona central da grande área. Por outro lado, não foram registrados gols de zonas defensivas ou laterais na metade ofensiva do campo de jogo, assim como em nosso estudo.

Júnior (2015) ao abordar o tema destaca que as regiões do campo com maiores possibilidades da concretização do gol ficam na grande área (2,1 a 85,7% dos gols) e na pequena área (38 a 71,1%), espaços que correspondem a Zona 11. Pela proximidade com a baliza, a região do ataque se sobressai com relação as demais. Além destas regiões ficarem menos distantes do gol, os atletas são mais precisos no chute e outras técnicas ofensivas. Entretanto, considera difícil a marcação de gols do meio de campo defensivo (0,1 a 2,1% dos gols) devido à sua distância da goleira (baliza).

Nos achados de Machado *et al.* (2013) analisando as seleções semifinalistas do Mundial FIFA 2010, a Zona 11 – zona central ofensiva – obteve maior tendência de concretização do gol (Alemanha: $z = 5,83$; Holanda: $z = 4,46$; Espanha: $z = 3,14$; Uruguai: $z = 2,72$). Assim como Leitão (2003) relata que, analisando jogos de Futebol profissional, o aproveitamento das finalizações chega a 70% de dentro da grande área adversária e a 85% na região da pequena área. Já Ramos *et al.* (2008) analisou os 77 gols da Eurocopa 2004, igualmente descobriram que 68% dos gols observados ocorreram com bola em movimento, sendo que 40% dos gols foram finalizados de dentro da área (Zona 11).

No que se refere à zona em que ocorre a finalização que resultou em gol Moraes *et al.* (2012) revela que a zona 11 (dentro da área de pênalti) foi a de maior prevalência, com uma frequência de 834 finalizações que representam 76,4% dos 1092 gols do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2009 Série A. Segundo o autor, embora não tenha sido objeto de estudo analisar chutes que não resultaram em gol, estes resultados representam que chutes de longa e média distância ocorrem com pouca frequência, ou então, seu efeito não resultou na eficácia pretendida. Em

contra partida, reforça a ideia de que, independente do modelo de jogo, o corredor central próximo a goleira merece atenção especial, durante o treinamento para o jogo, pois este espaço evidencia ser decisivo na obtenção do principal objetivo do jogo, o gol.

Ramos (2005) cita que encontrou na Zona 11 (43%) a prevalência das finalizações das equipes do FC Porto/Chelsea FC. Por outro lado, o AC Milan revelou uma incidência elevada de finalizações na Zona 11 (70%). Resultados que podem indicar uma forma de jogar destas equipes. Enquanto Porto e Chelsea indicam maior variabilidade nas ações ofensivas resultante em gol, o Milan, utiliza mais os corredores laterais. Outro fato levado em consideração pelo autor do estudo, é a distribuição da equipe italiana no campo de jogo num sistema de 2 avançados, tendo como preferência nas suas ações ofensivas abastecer as duas referências do ataque. Por outro lado, as equipes FC Porto e Chelsea FC variavam mais entre a utilização de 1 ou 2 avançados, exigindo maior readaptação e consequente mobilidade na organização ofensiva.

Nesta perspectiva, Cruz (2014) salienta que encontrou prevalência da Zona 11, dentro da área, como principal zona de finalização ao analisar os gols de três edições do Campeonato Brasileiro Série A de 2010 a 2012. Considerando as equipes de nível superior e inferior analisados, no ano de 2010, 69% (278 de 403) dos gols foram finalizados nesta zona, em 2011, 73,6% (301 de 409), e na temporada de 2012, 76,1% (300 de 394) dos gols. Segundo o autor, encontrar a maioria dos gols ocorrendo de dentro da grande área é uma tendência, de acordo com resultados apurados em outras pesquisas, conforme os resultados do próprio estudo e do presente estudo. Nesse cenário, o autor sugere que as melhores equipes marcam mais gols finalizando na zona 11, dentro da área, devido à maior qualidade tática e técnica dessas equipes em relação as equipes de nível inferior.

Relativamente à variável *métodos de ataque* analisados, conforme a Figura 6, apuramos que as equipes participantes do estudo demonstraram que em 57% dos gols o método de ataque mais observado na fase ofensiva foi o *Método Posicional*, representando 13 jogadas de ataque das 23 analisadas. O *Ataque Rápido* vem na sequência com 39% de acontecimento onde podemos verificar 9 gols oriundos de tal método e, com porcentagens bem inferiores, o *contra-ataque* foi empregado em 4%

dos gols, ou seja, as equipes analisadas marcaram gol em uma única jogada através do contra-ataque.

Ao analisarmos os dados específicos de cada equipe, esta prevalência também pode ser observada relativamente a equipe do Bayern (11 gols; 65%). Entretanto, o método de ataque mais prevalente para o PSG foi o ataque rápido (4 gols, 67%), evidenciando diferenças nesse aspecto entre as equipes. Isso pode ser justificado ao associarmos o método de ataque com às zonas de origem do gol observados em nosso estudo, ou seja, iniciar a fase ofensiva nas zonas mais próximas da meta adversária pode aumentar as chances de os ataques serem eficazes.

O resultado de nosso estudo vai ao encontro de Oliveira (2019) ao analisar 582 ações ofensivas eficazes no Campeonato Brasileiro de 2017. O método de ataque mais observado entre todas as equipes foi o ataque posicional (246 gols). Esta prevalência também pode ser percebida nas 4 equipes melhores classificadas (46,3%; 70 gols), porém, o método contra-ataque (45,2%; 33 gols) prevaleceu entre as 4 equipes piores classificadas da competição.

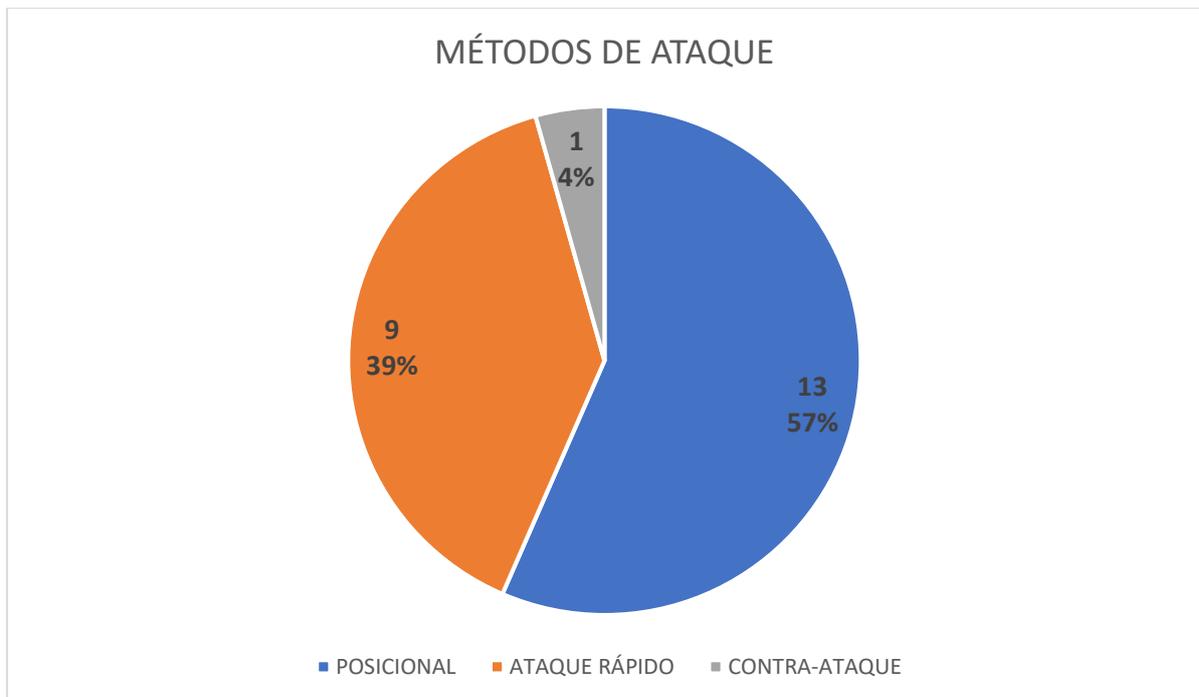


Figura 6 – Gráfico da frequência e porcentagem dos métodos de ataque resultante em gol.

Da mesma forma, Leitão (2004) revela que, ao analisar jogos de clubes e seleções, os tipos de ataque mais frequentes nas sequências ofensivas é o Ataque Posicional (37%). No estudo, o autor levou em consideração ataques mistos (ataques que iniciam com uma característica e transitam para outra dentro da mesma sequência ofensiva), e se somados – ataque posicional e ataque misto – teremos que 50% dos ataques dos jogos observados pelo autor foram posicionais. Talvez isso se explique pelo fato de que a cadência do jogo em certos momentos ajude no menor desgaste físico da equipe.

Com resultados próximos aos encontrados no presente estudo, no que diz respeito aos métodos de ataque, Ramos (2011) diz que, analisando o método de jogo ofensivo nas sequências ofensivas positivas com gol, o Ataque Posicional surgiu como o método de jogo mais utilizado pelo FC Barcelona (63,2%) e pelo Manchester United (50%). O Ataque Rápido aparece como o segundo método de jogo utilizado por ambas equipes, sendo 35,7% pela equipe inglesa e 31,6% pela equipe espanhola. O método de jogo menos utilizado pelas equipes em estudo foi o contra-ataque, com 14,3% o Manchester United e com valores inferiores o FC Barcelona (5,3%).

No presente estudo, o Ataque Rápido foi responsável por 39% (9 gols) dos movimentos ofensivos que resultaram em gol. Já o contra-ataque apresentou percentuais menores em relação aos demais métodos com 4% (1) dos gols. Porém, Barbosa (2009) compara sequências ofensivas positivas entre equipes classificadas nos primeiros e segundos lugares das ligas nacionais da Espanha, Inglaterra, Itália e Portugal, na temporada 2008/2009. O estudo apurou que o método de jogo ofensivo de maior prevalência foi o contra-ataque em quase todas equipes. Resultado bem diferente encontrado em nosso estudo. De acordo com a pesquisa, o maior número de sequências ofensivas positivas registrou-se no intervalo de tempo entre 0 e 15 segundos para todas equipes observadas, portanto, um estilo de jogo mais direto, caracterizado com um reduzido tempo de duração do processo ofensivo, buscando uma progressão veloz do jogo para zonas mais próximas da baliza oponente, pareceu conduzir as equipes estudadas a uma maior eficácia em suas manobras ofensivas.

A pesquisa de Cambre Añon *et al.* (2014) cita, entre outras variáveis, o tempo de ataque das equipes finalistas da *Champions League/2010* (Barcelona x

Manchester United) e do Mundial de Clubes FIFA/2010 (Barcelona x Santos FC). Pode-se constatar uma preferência do Barcelona pelo ataque posicional, (com um tempo de realização do ataque entre 20 e 27 segundos, em média), já na equipe brasileira (entre 10,32 e 12,2 segundos) e inglesa (entre 4,09 e 11,11 segundos) a predominância do método de realização do ataque foi o contra-ataque. Soares (2009), analisando o rendimento da eficácia ofensiva da equipe campeã da Liga Espanhola do mesmo ano, pode identificar que 44% dos gols ocorreram em um período superior a 35 segundos.

Machado *et al.* (2013) destaca que no estudo dos padrões de jogo ofensivo das seleções semifinalistas do Mundial FIFA 2010, verificou que as seleções da Espanha e Holanda recorreram a um estilo de ataque indireto (posicional), visando manter a bola em sua posse até encontrar momentos mais vantajosos para o remate. A seleção do Uruguai, no que lhe toca, evidenciou a utilização de um estilo ofensivo mais direto, com ataques poucos longevos. Por sua vez, a Alemanha manifestou elevada variabilidade quanto ao método e estilo de ataque, alternando entre ataques curtos/longos e diretos/indiretos.

Silveira (2018) relata que cerca de 9,26% das assistências foram originárias da zona de defesa das equipes na Copa do Mundo da Rússia de 2018, caracterizando lançamentos ou passes em profundidade para jogadas individuais de atletas médio-ofensivos velozes ou contra-ataques coletivos e rápidos em momentos que a defesa adversária não se encontra posicionada, geralmente momentos em que a equipe adversária busca igualdade ou passar na frente no placar.

Como vimos, podemos encontrar divergências de resultados nos diversos estudos a respeito dos métodos de ataques eficazes, e essas diferenças podem estar associadas à aspectos socioculturais, tanto das equipes como dos países investigados (SARMENTO, 2012). Perante o exposto, a eficácia ofensiva pode decorrer do modo como as equipes conseguem alternar estilos e métodos de jogo, gerenciando o tempo e o espaço de maneira a surpreender os oponentes, procurando uma certa imposição na sua forma de jogar (MACHADO, *et al.*, 2013).

Relativamente aos métodos de ataque, Hughes e Franks (1997); Garganta (1997), citados por Cambre Añon *et al.* (2014) referem que “as equipes mais bem sucedidas tendem a possuir um número maior de jogadores em contato direto com a

bola e com um tempo de realização do ataque mais elevado, recorrendo ao ataque posicional”. Portanto, seguindo a lógica de Garganta (1997) podemos constatar que as equipes mais bem sucedidas apostam mais frequentemente num estilo de jogo indireto, recorrendo ao ataque posicional.

5 CONCLUSÕES

De acordo com os dados encontrados no presente estudo, podemos fazer as seguintes considerações:

As ações de origem da fase ofensiva geraram mais gols através de desarmes do que de outras formas de recuperação da posse de bola (interceptação e erro do adversário). Portanto, iniciar a fase ofensiva após um desarme, torna evidente uma forma de atingir os objetivos do ataque, ou seja, desenvolver meios de interromper o ataque adversário sem a necessidade de cometer faltas sobre o mesmo, elevando a qualidade do jogo, demonstrou ser um modo eficiente de iniciar o processo ofensivo com as condições mais favoráveis na concretização do objetivo principal do jogo, que é marcar gol.

Referente às *zonas de origem*, identificamos que os ataques iniciados na Zona 7 (corredor lateral esquerdo com a zona média ofensiva) demonstrou ser a região do campo de jogo mais vantajosa para iniciar a fase ofensiva resultante em gol. Logo em seguida predominou a Zona 8 (corredor central com a zona média ofensiva). Portanto, o início do processo ofensivo nas zonas do campo mais adiantadas apontam ser um fator determinante para progredir na direção da baliza adversária e na efetivação das sequências ofensivas que resultaram em gol.

Em relação às *zonas do último passe*, identificou-se que as assistências que antecederam os gols na Zona 10 (corredor lateral esquerdo com a zona ofensiva) foram determinantes para a marcação dos gols por parte dos jogadores. Os dados encontrados revelam estratégias por parte das equipes investigadas em propor dinâmicas ofensivas preferencialmente pelos corredores laterais do campo, demonstrando ser um espaço de jogo importante a ser explorado pelas equipes, bem como, pela qualidade individual dos jogadores mais talentosos que jogam nessas faixas de campo.

Com respeito às *zonas de finalização*, identificamos a Zona 11 (situada no corredor central com a zona ofensiva) como a região do campo responsável por gerar as melhores condições de obter sucesso nas finalizações. Os dados encontrados fazem relação entre um possível modelo de jogo perspectivado com o ataque posicional, evidenciando que mais jogadores ocupem as zonas

predominantes de finalização. A quantidade de gols marcados dentro da grande área configura a importância dos jogadores de meio-campo cada vez mais ocuparem os espaços da grande área juntamente com os atacantes para finalizar.

Relativamente aos diferentes *métodos de ataque*, identificamos que o *ataque posicional* conduziu as equipes a uma maior eficácia ofensiva. Nas ações ofensivas que resultaram em gols, de forma geral, identificamos um estilo de jogo essencialmente coletivo. Portanto, destacamos que as equipes devem privilegiar no seu modo de jogar um estilo de jogo indireto no sentido de aumentar seu desempenho nas competições, com uma fase de construção ofensiva mais longa e elaborada, privilegiando a segurança na resolução das situações do jogo, até sua finalização.

Entendemos que pelas considerações aqui expostas, a análise de desempenho justifica-se como uma importante ferramenta para ampliar o conhecimento acerca do jogo de Futebol. Cada vez mais os profissionais do Futebol são exigidos em termos de rendimento e as comissões técnicas podem encontrar no analista de desempenho um profissional de excelência para compor a equipe de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Chris; SALLY, David. **Os números do jogo. Por que tudo que você sabe sobre futebol está errado.** São Paulo: Paralela, 2013.
- AÑON, Iago Cambre *et al.* Performance da equipe da Espanha e seus adversários nos jogos da Copa do Mundo FIFA 2010. **Revista Brasileira de Futebol**, São Paulo, v. 06, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 2013.
- AQUINO, Rodrigo. **Observação, análise e interpretação do desempenho em jogo no futebol. Implicações para a avaliação e treinamento.** 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Reabilitação e Desempenho Funcional) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, São Paulo, 2019.
- BARBOSA, Pedro. **A eficácia do processo ofensivo em Futebol. Estudo comparativo das equipes classificadas nos primeiros e segundo lugares das ligas nacionais de Espanha, Inglaterra, Itália e Portugal, em 2008/2009.** 2009. Monografia (Licenciatura em Desporto e Educação Física) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2009.
- BARLETTA, Francesco Garcia. **Análise da origem, ocorrência e execução dos gols no futebol. Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 132, mayo, 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd132/origem-ocorrendia-dos-gols-no-futebol.htm>> Acesso em: 04 set. 2020.
- BARREIRA, Daniel; GARGANTA, Júlio. **Padrão sequencial da transição defesa-ataque em jogos de Futebol do Campeonato Português 2004/2005.** *In:* 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS: OLHARES E CONTEXTOS DA PERFORMANCE. DA INICIAÇÃO AO RENDIMENTO. 2007, Porto. **Atas [...]** Porto: FADEUP, 2007.
- BARREIRA, Daniel; GARGANTA, Júlio; ANGUERA, Maria T. Futebol. *In:* GARGANTA, J.; PRUDENTE, J.; ANGUERRA, T. **Avaliação da Performance em Jogos Desportivos Coletivos.** Porto: Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (CIFID), Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2013, p. 133-209.
- CABRAL, Luís Fernando de Lima. **Análise das seleções brasileira e alemã de futebol na Copa do Mundo de 2014.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- CAMBRE AÑON, I. *et al.* Performance da equipe do Barcelona e seus adversários nos jogos finais da *Champions League* e da Copa do Mundo de Clubes *FIFA* 2010. **Revista Andaluza Medicina del Deporte.** 2014; 7(1): 13-20.
- CARLING, Christopher; WILLIAMS, Mark A.; REILLY, Thomas. **Handbook of soccer Match Analysis. A systematic approach to improvising performance.** Abingdon/UK: Routledge, 2005.
- CASTELO, Jorge. **Modelo Técnico-Tático do Jogo.** Lisboa: Edição FMH, 1994.
- CASTELO, Jorge (ed.). **Futebol - A organização do Jogo.** Lisboa: Edição do autor, 1996.

COTTA, Rafael Martins. **Análise de desempenho no futebol. Entre a teoria e a prática. 1ª ed.** Curitiba: Appris, 2018.

CRUZ, Antônio Flores. **Análise dos gols da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol (2010 a 2012) e sua relação com o nível de rendimento das equipes.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

FONSECA, João Roberto Sauthier da. **Análise de indicadores e sua influência no resultado final dos jogos do campeonato brasileiro de futebol da série A 2011.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

FÜHRER, Filipe Dias. **Futebol: análise descritiva dos gols do Campeonato Brasileiro de 2013 - Série A.** 2014. TCC (Bacharelado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

GARGANTA, Júlio Manuel. **Modelação tática do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipes de alto rendimento.** 1997. Dissertação (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GARGANTA, Júlio. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001.

GARGANTA, Júlio. Modelação tática em jogos desportivos: A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. *In*: TAVARES, F.; GRAÇA, A.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. **Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos.** Universidade do Porto: Faculdade de Desporto, 2008, p. 108-121.

GARGANTA, Júlio; GUILHERME, José; BARREIRA, Daniel; BRITO, João; REBELO, Antônio. (2013). Fundamentos e práticas para o ensino e treino do Futebol. *In*: TAVARES, F. **Jogos Desportivos Coletivos: Ensinar a jogar.** Porto: Editora FADEUP, 2013, p. 199-263.

JÚNIOR, Nelson Kautzner Marques. Evidências científicas sobre o gol do Futebol: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 7, n. 25, p. 297-311, maio/ago., 2015.

LEITÃO, Rodrigo Aparecido Azevedo. Análise da incidência de gols por tempo de jogo no campeonato brasileiro de futebol 2001: estudo comparativo entre as primeiras e últimas equipes colocadas da tabela de classificação. **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 115-224, 2003.

LEITÃO, Rodrigo Aparecido Azevedo. **Futebol: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo.** 2004. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MACHADO, João C.; GARGANTA, Júlio; BARREIRA, Daniel. Eficácia ofensiva e variabilidade de padrões de jogo em futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 27(4), p. 667-677, out/dez. 2013.

MORAES, José Cícero; CARDOSO, Marcelo Francisco da Silva; VIEIRA, Rafael; OLIVEIRA, Lucas. Perfil caracterizador dos gols em equipes de Futebol de elevado rendimento. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 12, p. 140-150, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, José Guilherme. **Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, 2004.

OLIVEIRA, Lucas Martins. **Associação entre os princípios táticos fundamentais ofensivos e a eficácia das ações de ataque em equipes de futebol profissional**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física - Exercício e Esporte). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Orientações para a Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. [manuscrito] / [editado por] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Porto Alegre, UFRGS, 2019.

PIVETTI, Bruno Marques Fernandes. **Periodização tática: o futebol arte alicerçado em critérios**. São Paulo: Phorte, 2012.

RAMOS, Abílio da Torre. **Uma “(des)baromatriz(acção)” concepto-comportamental da(s) zona(s) pressing. Um “olhar” sobre o(s) sucesso(s) persistente(s) sobre dois treinadores de top: José Mourinho (FC Porto–Chelsea FC) e Carlo Ancelotti (AC Milan)**. 2005. Monografia (Monografia em Licenciatura em Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto, Porto, 2005.

RAMOS, Abílio da Torre. **Análise do comportamento ofensivo em equipes de alto nível: Comparação entre o FC Barcelona e o Manchester United na Uefa Champions League (2010-11)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) - Universidade da Beira do Interior, Covilhã, 2011.

RAMOS, Luiz A. *et al.* Futebol: classificação e análise dos gols da Eurocopa 2004. **Revista Brasileira de Futebol**, Minas Gerais, v. 01, n. 01, p. 42-48, jan./jun. 2008.

SANTOS, Fernando; MENDES, Bruno; MAURÍCIO, Nuno; FURTADO, Bruno; SOUSA, Paulo Malico; PINHEIRO, Valter. Análise do golo em equipes de elite de futebol na época 2013-2014. **Revista de Desporto e Atividade Física**, Portugal, v. 8, n. 1, p. 11-22, abril, 2016.

SARMENTO, Hugo Miguel Borges. **Análise do jogo de futebol. Padrões de jogo ofensivo em equipes de alto rendimento: uma abordagem qualitativa**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2012.

SILVEIRA, João Francisco de Castro. Efetividade e análise de desempenho ofensivo da Copa do Mundo de Futebol: Rússia 2018. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 41, p. 785-794, jan./dez. 2018.

TEODORESCU, Leon. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Horizonte, 1984.

TEOLDO, Israel; GUILHERME, José; GARGANTA, Júlio. **Para um futebol jogado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

THIENGO, Carlos Rogério. **Glossário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática.** Ebook. 2. ed. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/noticias/241-ebook-glossario-do-futebol-brasileiro>. Acesso em: 04 out. 2020.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TOBAR, Julian Bertasso. **Periodização Tática: Explorando sua organização conceito-metodológica.** 2013. Monografia (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

VENDITE, Carolina Coluccio. **Scout no Futebol: uma análise estatística.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.